VIDA NÃO É ARGUMENTO

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

(MAX SANDERS)

VIDA NÃO É ARGUMENTO

LIVRARIA E EDITÔRA LOGOS LTDA.

Praça da Sé, 47 — Salas 11 e 12
Fones: 33-3892 e 31-0238
SÃO PAULO

A estranha história de Mr. Robert Collins encheu minha vida de muitas preocupações. Não foram poucas as interrogações que ela me provocou e declaro que, com grande dificuldade, consegui apurar e esclarecer alguns pontos de que êle fala em sua carta a Mr. George T. Beans, cujo conteúdo, sem a menor modificação, quer no estilo, quer nas idéias, publico a seguir.

A personalidade de Mr. Collins, sua apatia, sua incapacidade para gozar das grandes emoções humanas, segundo êle mesmo confessa no decorrer da carta, sua "inabilidade", se me permitem dizer, no referente aos seus amores, tudo isso me deixou perplexo, e a personalidade

dêsse homem começou a criar forma no meu espírito, de maneira crescente.

Não desejo aqui dar prèviamente ao leitor amigo as minhas interpretações sôbre a alma de Mr. Collins, e deixo ao sabor de cada um que o faça e o interprete como julgar melhor.

Sirvo-me apenas dessa introdução para afiançar mais uma vez ao leitor, que a carta por mim reproduzida no texto é absolutamente fiel, não tendo tocado sequer numa vírgula do seu contexto.

Aproveito também a ocasião para afirmar ao leitor que pude averiguar a veracidade de muitos dos fatos citados por Mr. Collins, inclusive o de alguns poetas que fizeram sucesso no fim do século passado em diversos países, que realmente não passavam de meros produtos de Mr. Collins. Como êle não

os cita em seu livro, não o desejo por minha parte também fazer, pois não quero, de forma alguma, perturbar a reputação de muitos escritores que gozam ainda de renome.

Para finalizar, quero apenas acrescentar que Mr. Collins, "êsse homem entre dois séculos", viveu para mim o período da tediosa saciedade vitoriana, e viveu-o em suas carnes como nenhum outro. Foi bem o espírito daquela época e concentrou em si todo o cansaço de uma grande digestão de conquistas, sendo o seu gesto final o produto de um desespêro observável no fim do século, quando apontava uma nova era que se apresentava com perspectivas tão pouco promissoras para homens daquele quilate.

O título que dei à história relatada por Mr. Collins, "Vida não é Argumento", retirei-o da própria carta, aproveitando-me de uma pas-

sagem, como se verá da leitura da mesma.

MAX SANDERS [1].

---

(1) AO LEITOR

Respeitar o que realizamos quando jovem é não profanar a juventude e as esperanças que foram nossas.

Êste livro não o escreveria hoje. O que há nêle foi vivido numa época que se me afigura distante, mas que ao mesmo tempo parece tão próxima, porque muito do que hoje penso e do que hoje faço, tem sua gênese naquela mesma juventude a quem desejo devotar a fidelidade de não modificar o que sentiu e o que viveu.

Leitor amigo, ao leres êste livro, considera êsse meu testemunho, e sê justo.

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

Aquela figura alta, magra, de blusa azul, calças brancas, rosto vermelho sob um boné prêto, não falava com ninguém. Mas o olhar alongava-se para algum lado, enquanto resmungava baixinho palavras que ninguém entendia. Chamavam-no Jones. Diziam que fôra capitão de um navio que abalroara com outro. Aberto inquérito, culparam-no por estar bêbedo.

Conheci-o um dia em Dover. Estava bebendo num bar quando Jones chegou e pediu algo para beber com a sua voz cavernosa e profunda, e lhe negaram crédito. Jones ficou silencioso. Olhou demoradamente o homem do bar, as pernas abertas,

cambaleando como se estivesse em mar grosso.

Do lugar em que estava, fiz sinal para que lhe dessem bebida. Deram-lhe. Jones não disse nada. Bebeu, calado, pernas sempre abertas, cambaleante. Paguei a despesa e, da porta, acompanhei aquela figura de marinheiro que seguia ziguezagueando pelas ruas escuras do cáis.

Um dia soube que Jones fôra encontrado morto numa sarjeta. Deixara um saco, uns livros e uns papéis em garantia de uma dívida na taberna. Propus pagar a conta em troca daquele saco. Aceitaram, e ainda riram de mim. Era um velho saco de marinheiro. Nêle encontrei dois livros: uma "Holy Bible", já comida pelas traças, "Child Harold's Pilgrimage", de Byron, e um maço de papéis. Levei tudo para casa. Meus olhos não se afastavam da-

quele saco de viagem que percorrera tantas partes do mundo!

Abri os papéis e nêles encontrei uma longa carta escrita com uma letra fina e variada. E foi então que conheci esta estranha história que aqui transcrevo, não acrescentando nada.

A carta estava endereçada a mr. George T. Beans (1), Nelson Square, Cape Town, datada de 13 de abril de 1899.

"Meu bom George.

Depois de tantos anos de ausência, em que certamente raras foram

---

(1) Segundo as informações que obtive, Mr. George T. Beans era tio de Jones, cujo nome verdadeiro era John W. Beans. Mr. George viveu até princípios dêste século. Foi um negociante de renome, no Cabo. O texto da carta vai publicado integralmente, e sòmente os títulos dos capítulos são de minha autoria, bem como algumas notas que esclarecem certas passagens. (*N. do A.*)

as notícias que tiveste de mim, resolvi escrever-te.

Não é a saudade o que me leva a fazê-lo, e sim porque resolvi morrer!

Esta é a minha resolução, e não julgues que a tomo precipitadamente. Nada disso! Nunca amadureceu tanto e tão normalmente num espírito humano a vontade de morrer como se dá em mim. Tudo foi friamente calculado e, tendo pesado numa balança (naturalmente tôda subjetiva), as vantagens e as desvantagens da vida, cheguei à conclusão que a morte é o que a vida tem de melhor. Não estou a fazer paradoxos, embora vivamos numa época em que até as cozinheiras fazem paradoxos.

Tu, porém, sempre acreditaste na vida. Pois comigo se deu o contrário. Se a vida não me convenceu não penses que espero da morte

uma solução. Por não ter solução é que resolvi morrer.

Começo a escrever-te esta carta e tenho certeza de que demorarei dias a fazê-la. Sabes perfeitamente que escrevo devagar. Mas podes ver que estou absolutamente calmo. O veneno que me matará já está ao meu lado e, de vez em quando, volvo os olhos para êle. A calma do vidro me impressiona. Êle não tem pressa em cumprir o seu destino.

Parece incrível que alí dentro, naquele pòzinho verde, esteja a morte. Está aí, George, a morte é verde. Verde e não descarnada e feia.

Não nego que quando resolvi morrer tive um momento de fraqueza. Imaginei proceder com originalidade. Julguei-me logo depois ridículo. Pensei também (julgarás isto maquiavelismo meu), que deveria revestir a morte de um mistério aca-

brunhador. Alguma coisa que desse à Scotland Yard muito trabalho, por exemplo, deixar umas cartas de ameaças, como se elas viessem de alguém. Depois, pensando melhor, lembrei-me do trabalho que daria a um ou dois inspetores de polícia. E para que serviria isto? Talvez me agradeçam o obséquio que lhes fiz.

A morte, aquela que sempre te apavorou (lembras-te quando passeávamos juntos pelos campos e tu falavas da morte?) em breve me possuirá. Uma vez li em Heine o que êle dizia sôbre ela (embora te admires, tenho lido muito ùltimamente): "A morte é a frescura da noite, e a vida, o dia sufocante". Para mim a vida tem sido êsse dia sufocante. Num dia de calor tu assopras para o mundo, bufas. (Naturalmente mais agora que andas bem gordo, segundo me disseram). Um poeta espanhol disse que há

males que a morte cura. E êle dizia ainda que a morte é um consôlo para a vida. Dei tudo que podia à vida. Dei até a minha própria vida! Tenho direito de morrer. Não posso é esperar que ela se lembre de mim, quando ela se esquece tanto.

Se pudesse arrastar o mundo comigo, nesta emprêsa, podes estar certo de que não o faria. Mas bem poderia esperar o fim do mundo. Um dia me disseram que o mundo ia terminar. Fiquei quase alegre e perguntei: quando?

— "Daqui a um bilhão e duzentos mil anos..." — responderam-me.

— Tanto tempo ainda?!...

Quem me respondeu isso, pelo olhar que lançou, classificou-me de louco.

— Não esperarei até lá... — foi a minha resposta.

Quando receberes esta carta, já estarei morto. Deve ser uma emo-

ção tôda especial a de ler uma carta escrita pelo próprio punho de quem já morreu. E, sobretudo, tratando-se de um amigo a quem tanto estimavas.

Ficarás, tenho certeza, absolutamente admirado do meu gesto. Será para ti incompreensível à primeira vista. E para que não fique de mim apenas uma lembrança dolorosa, pois poderias imaginar que eu enlouquecera, é que resolvi escrever-te esta carta, explicando o motivo que foi o mais razoável, o mais estudado de todos os que tive em minha vida.

O mundo já era pequeno para mim. Confiei muito em que as viagens interplanetárias ainda viessem a se realizar durante êstes próximos vinte anos. Quando verifiquei que isso era ainda impossível e que, antes dêsse tempo, morreria, senti a sensação de um prisioneiro conde-

nado à prisão perpétua. Conclui então: terei de viver ainda o resto da minha vida. Ora, isso era demais! Era exigir muito de mim, pois já estava absolutamente saturado de viver. Tôda a alegria, tôda a satisfação que a vida costuma dar, já experimentara. E nada há de mais terrível para um homem do que ter consciência da impossibilidade de encontrar algo que o interesse. Então comecei a viajar. Talvez novos horizontes, novos climas, novas paisagens, despertassem em mim um interêsse novo. Talvez uma aventura amorosa me fizesse ter um outro desejo de viver. Quando me certifiquei da inutilidade disso tudo, sorri...

Mas um sorriso mau, bem mau. Pensei então em morrer heròicamente.

Praticaria para isto um grande gesto. Um gesto humanitário. Nu-

ma peste que houve na Índia, uns anos atrás, apresentei-me como voluntário para servir de enfermeiro a milhares que morriam estùpidamente. E em tôdas as situações perigosas me arrisquei. E passaram-se os dias e passou a peste, e eu fiquei. Decididamente eu me convencera que a vida gostava de mim, embora eu não pagasse com a mesma moeda. Finalmente, a conselho de um sábio indiano, resolvi criar novas necessidades para ter de satisfazê-las. Assim, não só ocuparia o meu tempo, como poderia encontrar um meio (quem sabe?) de criar em mim uma razão nova para aturar a vida por mais tempo. A idéia não era totalmente má. Só a esperança de que poderia surtir efeito deu-me certo bem-estar. E, como possuia bastante dinheiro resolvi colecionar selos. "Minha vida tem uma finalidade: fazer a maior co-

leção de selos do mundo. A Humanidade precisa ter alguém que colecione em suas mãos o maior número de selos!"

Mas, decididamente, não dava para a coisa. Aborreci-me disto em pouco tempo.

Comecei a colecionar cachimbos, acendedores, carteiras de cigarro, selos de charutos, e até mulheres. Sim mulheres. (Não te escandalizes!)

*

Quis distrair-me e fui assistir a uma peça de Shakespeare. (Não te irrites!) Peguei no sono. Acordei-me com os aplausos da platéia. Frenéticos aplausos. E falsos também! Vi gente que aplaudia porque devia aplaudir. Representava-se "Coriolano". Assisti bem ao primeiro ato, quase sem bocejar. Mas no segundo, dormia. Depois que saí do

teatro fiquei contente. Descobri que Shakespeare era ótimo para fazer dormir. Pelo menos a mim. (Tu ficarias extasiado se tivesses assistido "Coriolano".)

Êsse fato preocupou-me um pouco. Procurei conhecer-me melhor. Poderia consultar um psiquiatra que analisasse, um por um, os meus defeitos.

Mas antes de ir até lá, resolvi eu próprio analisar-me. Ao menos assim teria algo que fazer. E dava-me isto pelo menos um motivo de não me aborrecer demais, ou de me aborrecer menos.

A primeira coisa que fiz foi procurar um tratado de psiquiatria.

Deveria estar lá dentro. Procurei-me. Virei páginas, li-as de um fôlego. "Aqui não estou!" Procurei mais adiante. "Será aqui..." Encontrava traços de mim em cada página. Havia em todos os sintomas clás-

sicos, os meus sintomas. Revirei as páginas. Eu estava em cada uma sem estar em nenhuma. Havia em todos os tipos, alí descritos, algo de mim. Eu era um doente mental completo, foi o que julguei, pois não estava sofrendo de todos os males mentais?

Querendo conhecer-me para encontrar nisso uma alegria, consoante as informações que me haviam dado de que a base da felicidade é feita também pelo pleno conhecimento de si mesmo, consegui apenas aumentar o meu aborrecimento. Pois conhecendo-me, como julgava conhecer-me, classificava-me dentro das mil páginas do livro. Era, definitivamente, um caso liqüidado. Há gente que sente prazer nas pequeninas coisas da vida. (Como tu, que eras feliz em dar um passeio pelo Tamisa, lembras-te?) Há gente que tem em cada pequena nonada um

motivo de gôzo. Por que sou um homem sem sensibilidade? Como me satisfazer com essas coisas quotidianas, se elas me aborrecem infinitamente?

Se me dirijo a ti para fazer uma análise da minha pessoa e para te dar a conhecer os motivos que me levaram ao gesto decisivo, é sòmente em consideração ao nosso passado.

Lembras-te daquela vez em que eu quase me afoguei. Naquela tarde, quem me salvou a vida? Não fôste tu? Arriscaste a tua para salvar a minha. Poderíamos ambos ter morrido. Admirei sempre a tua coragem. E a admiro ainda hoje. Há uma diferença, porém. Embora admire a tua coragem, não posso agradecer-te por me teres salvo. Ter-me-ias privado, totalmente dêsse grande aborrecimento. Não estaria hoje escrevendo-te esta carta. Mas apesar de tudo, dou-te mais uma vez

os parabéns. Fôste um herói. Depois daquele grande perigo que passei deveria levar para o resto de minha existência um grande apêgo à vida. Pois não estivera ela à pique de me deixar?

E, no entanto, sou um homem que olha para a vida com desprêzo.

Durante muitos anos estive envolvido em grandes negócios, onde perdi muito dinheiro e ganhei uma grande experiência: que não tinha nascido para negócios. Nada me aborreceu tanto! Que infinidade de cretinos povoa o comércio. Nada avilta tanto o homem como comerciar. Não te irrites com o que te digo. Sei que defendes essa classe de gente que tem feito a glória do Império Britânico, como gostas de dizer.

Experimentei, enfim, tudo quanto a vida me poderia oferecer. Com a minha fortuna, e num país que se

diz livre, sou um homem que goza da liberdade. (É assim que tu julgas, não é?) Pois, meu amigo, considero-me um prisioneiro. Só é livre aquêle que consegue a sua plena satisfação.

Eu poderia satisfazer-me se tivesse necessidades. Mas, precisamente, são elas que me faltam. Como me considerar, portanto, um homem livre?

Foi Campoamor (um poeta espanhol a quem Richard me fêz ler uma vez) que disse: "Nada há sublime que não seja breve..." E tenho 45 anos. Que de sublime me oferece a vida se ela é tão longa? Quarenta e cinco anos é positivamente demais. Terei ao menos um gesto sublime, porque será breve êsse gesto de levar aos lábios o veneno sutil. Tu me julgarás absurdo. Sou absurdo porque contrario a tua

opinião. (Não é assim que se julgam os absurdos?)

Aconselharias, tenho certeza, que esperasse o dia de amanhã.

"Amanhã, talvez!..." Cansei-me disso. Cansei-me, porque esperei muito. E, depois, o amanhã é a localização sempre de uma covardia de hoje.

O amanhã é uma promessa... mas para os fracos, para os indecisos. Eu não sou um indeciso, porque não sou bom.

Vou em busca de minha sombra. E a minha sombra é nada. É a morte... (Como te deve soar horrìvelmente essa palavra!). Mas deixa-me continuar a minha história: Resolvi afinal reunir em minha casa gente original. Quem sabe talvez pudesse encontrar um interêsse na vida. Procurei poetas, músicos, bêbedos, assassinos, jornalistas, políticos, "boxeurs", "sportmen", intelectuais,

humoristas. Reuni-os à minha volta. Dei-lhes tudo o que me pediam para que me fizessem gostar da vida. Cada um me prometeu despertar um interêsse novo. Vou contar-te como tudo aconteceu.

RICHARD

Richard era um intelectual na acepção completa do têrmo. Magro, alto e com um bigodinho ralo, mas bem cuidado, perturbou-se, puxou o colarinho com o dedo indicador da mão esquerda, enquanto alçava a cabeça e pestanejava. Sorri mais. Não foi bem isso. Meu sorriso foi mais demorado. Por fim — lembro-me — engoliu em sêco, e disse-me quem era.

Mas vamos ao que interessa. Richard me prometeu um mundo. Afirmava-me que o trazia nas palmas da mão, nos olhos, nos lábios, no cérebro e no coração. Quando

disse coração, levou a mão ao peito. Mas a mão esquerda e ao lado direito. Naquele momento — lembro-me — fiquei preocupado pensando que talvez o homem tivesse mesmo o coração do lado direito.

Richard, como te dizia, era alto e magro. A magreza eu vira muitas. Quanto à altura nada tinha de extraordinário. Mas o bigodinho era tudo. Devo muita coisa a Richard e não me arrependo das centenas de libras que gastei com êle. ("Centenas de libras!" deves exclamar contigo mesmo).

Prometeu-me êle, uma vez, um mundo. O mundo que êle trazia nos olhos, nos lábios, no cérebro e no coração!

Lembro-me de que olhei para os olhos esverdeados, para os lábios finos, para a cabeça bem formada. Para o coração não pude olhar. Não poderia penetrar através daquele

casaco prêto que lhe sentava tão bem e o fazia parecer um pastor protestante. Mas achei que aquêle mundo seria muito pequeno para estar em coisas tão pequenas! Embora tu te admires, perguntei-lhe como isso podia ser. E gravo ainda hoje as suas palavras. (Tu deves estar bem lembrado de que tenho uma boa memória).

— O mundo que lhe ofereço Mr. Collins é maior do que êste em que vivemos.

Apertei os lábios quando êle me disse isso. (Tu bem sabes que apertar os lábios em mim é a máxima expressão de assombro que sei fazer).

— Mr. Collins — continuava êle exaltado — há um mundo na arte. Um mundo na exteriorização dos sentimentos e na admiração da obra dos homens. Venha comigo, Mr. Collins: vamos estudar a arte da

pré-história. Estudaremos a esteopigia das formas estilizadas, exageradas talvez pela incapacidade técnica dos autores; iremos admirar as pinturas murais das cavernas, estudaremos as festas e as cerimônias dos povos primitivos ainda vigentes na atualidade. Iremos às suas aglomerações, às suas tabas...

— Viajar outra vez?...

— Viajar, sim, Mr. Collins — continuava êle com um acento de profunda confiança. — Iremos à Oceania, à África, à America, tanto a do sul como a do norte. Iremos até aos polos, em busca da beleza. Em busca da arte de todos os quadrantes da terra. Iremos procurar o eterno no fugaz da atualidade. Imagine, Mr. Collins, estudaremos a tatuagem...

— Já vi muita gente com tatuagem. — Ajuntei meio aborrecido.

— Lembro-me uma vez, em Marselha, de um marinheiro...

— Não, Mr. Collins, interrompeu-me êle — estudaremos a tatuagem entre os índios da América do Norte, da Nova Zelândia, das ilhas Marquesas.

Há alí a primitividade estética, rica em intenções, em símbolos. Faça uma idéia do infinito que nos poderão oferecer os braceletes, as jóias, as armas, os objetos de cozinha daqueles povos. Tudo, tudo, Mr. Collins. — O bigodinho tremia-lhe nos lábios. — Admirar, nos vasos, os homens, as plantas estilizadas, as máscaras de dança dos povos malaios e dos africanos. E a música dêsses povos, Mr. Collins?! Que mundo... — quis iniciar um bocejo, mas atalhou-me prosseguindo, alçando a voz: — E a dança dêsses povos, a música simples das primeiras batidas de mão, do surdo dos

tambores. E não é só, Mr. Collins. Iremos à América e admiraremos a arte precolombiana... — fiz com a testa uma pergunta porque êle me ajuntou num tom quase de reprovação — A arte anterior a Colombo — e prosseguiu depois no mesmo tom anterior: — o México nos oferece um campo sem fim para investigações...

— O México? — Já estive lá — ajuntei. — Nada vi que me interessasse.

— Não êsse México que o sr. viu com os olhos... — fiz um gesto de espanto, e êle prosseguiu a responder-me: — falo do outro México. O México dos aztecas, dos toltecas. — E aí começou a dizer-me cada nome que apesar de minha nunca desmentida memória, não houve maneira de gravá-los. Na primeira vez que os pronunciou pedi que os repetisse. Êle fêz-me a vontade con-

trafeito, e repetiu-me muitas vêzes. Acabei aborrecendo-me e o meu bocejo, que antes êle me impedira de fazer sair suavemente, irrompeu ruidoso por entre aquêles nomes estranhos que me soavam inéditos aos ouvidos virgens de tantas palavras misteriosas.

E falou-me dos Maias, dos Caribes, dos Aravaques, falou-me dos Nascas, Yunkes e Aimaras.

Quando me falou da Mesopotâmia e da Índia não me contive e bocejei profundamente por etapas. Foi um bocejo no qual quis dizer alguma coisa, mas as sílabas eram sofreadas pelas inspirações rápidas.

E quando vi o seu bigodinho estremecer, acabei sorrindo. (Aquêle sorriso meu!). Quase gargalhei. (Por que duvidas?) Gargalharia até se êle não tivesse prosseguido com essas palavras: — Mas, Mr. Collins, é infinito o mundo que lhe

ofereço. Não será o seu sorriso que o impedirá de entusiasmar-se com a minha oferta. Imagine a grandiosidade da arte hindu e da arte oriental, a influência dos bonzos na arte hindu, a influência de Buda na arte de um povo místico. E a Coréia não nos oferece também um campo imenso?

— Não sei, não!...

— Oferece sim, Mr. Collins. Poderemos estudar a influência do estilo de Wei sôbre os artistas coreanos. Iremos estudar os seus maravilhosos templos, os Naras...

— Há mais de vinte anos que não entro num templo... — atalhei.

— Mas entrará para poder despertar as fôrças vivas que vivem adormecidas em seu ser. Só a arte lhe dará a felicidade e lhe mostrará uma razão de ser da vida. Só a arte, Mr. Collins. — Eu observava o suor que lhe escorria pela testa.

Admirava a persistência do bigodinho, sempre a tremer.

— Na China, estudaremos as paisagens, os pintores, os afrescos, sobretudo as pinturas religiosas. Daremos um pulo ao Japão. Estudaremos a escultura, a pintura e a poesia. Quão imensa a poesia japonesa!... — Os olhos revolviam-se. — Estudaremos na China as manifestações de uma arte idealista e aristocrática. Na Índia, a influência da arte grega. Que arquitetura, Mr. Collins!... E a pintura!... E a arte assíria? A arte egípcia? E o deserto e o Nilo!...

— Um belo rio...

— Um mundo... um mundo imenso que está a prometer-nos, a oferecer-nos.

— Mas, Richard — arrisquei interrompendo o bigodinho — tudo isso já vi...

— Viu?... Como viu? — Seus

olhos ardiam. — Viu com êsses olhos?

— Naturalmente, com êstes.

— Oh! não! Não, Mr. Collins — declamou êle com um grande sorriso de superioridade. Não são êsses os olhos para ver a beleza imensa que nos oferece a arte dos povos.

Eu deveria estar imensamente admirado porque êle continuou como a responder-me:

— Não, Mr. Collins. É preciso educar os olhos. É preciso prepará-los para poderem ver. Ver com a alma, ver com o cérebro.

— Estudaremos a arte bizantina, desde Justiniano até os iconoclastas; a arte árabe, a arte turca, a arte dos sultões bahritas, a arquitetura religiosa e a profana, iremos para a arte grega. (Ah! a arte grega!). Estudaremos a arte romana, a arte gótica, a Renascença e suas escolas. Entraremos pelo século dezoito

a dentro, e depois pelo século dezenove até os nossos dias. Que imenso êsse mundo que lhe ofereço... Muito maior do que o possuído pelos seus olhos. — Fiquei sério. E bocejei. O meu bocejo parece que arrefeceu o entusiasmo de Richard que se sentou limpando o suor que lhe escorria da testa pelo rosto, e pôs-se a abanar com o lenço. Precisava resolver alguma coisa. Talvez êle tivesse razão, mas viajar nunca! Não iria mais pelo mundo à procura de novas sensações.

Mas aquilo tudo que êle me oferecia poderia estudar em grande parte nos museus. Apresentei-lhe a idéia de irmos ao Museu Britânico e entregarmo-nos, lá a "êsses maravilhosos estudos".

O bigodinho estremeceu de entusiasmo. Marcamos o dia. Êle queria ir naquele mesmo dia. Preferi

que fôsse no dia seguinte. Por que ter pressa para antegozar um prazer? Êle me oferecia um prazer. E eu o antegozava. Não com muito entusiasmo, porque, francamente, eu não acreditava naquilo. Mas sempre me poderia restar uma dúvida. Talvez encontrasse algo de interessante. E só em pensar nessa possibilidade, naquele dia, senti-me satisfeito.

E dormi melhor que nas outras noites porque duvidava...

*

Richard, ao me encontrar, vinha alegre. E foi logo dizendo:

—Que bela manhã, Mr. Collins. Manhã de primavera em Londres. O mundo, talvez pense que não existam dessas manhãs em Londres. Julgam que aqui há sòmente nevoeiro.

E como eu não respondesse, continuou:

— A beleza é uma promessa de felicidade... — o seu tom era sentencioso. E como continuasse calado, êle prosseguiu: Não pense que isso é meu... É de Stendhal.

— Isso o que, Richard?

— A frase... a frase: "A beleza é uma promessa de felicidade."

— Ah! sim — fiz eu aparentando interêsse. — Mas a que vem o caso?

— À manhã, Mr. Collins. A esta manhã de sol. Veja esta manhã. E a natureza no-la oferece de graça. Gratuitamente... "Sem o sorriso da beleza o que seria do homem? Um mundo sem sol..." — Êle pronunciara isso numa voz infantilmente arrastada.

— É seu agora?

— Não, Mr. Collins. É de Campbell...

Eu apertei os lábios, e creio que os meus olhos deviam ter brilhado

muito diferentemente, porque Richard ficou meio perplexo e ajuntou logo:

— Aborreço-lhe com as minhas citações, Mr. Collins?

Fiz um gesto de quem vai dizer sim. Mas havia no olhar infantil de Richard uma súplica. E fui ao encontro do seu desejo, pois quando lhe disse:

— Oh! não... ao contrário. Quase não me aborrece!... — Êle sorriu satisfeito. E tão satisfeito ficou, que numa pletora de entusiasmo ràpidamente, pôs-se a dizer:

— Já é uma grande coisa, Mr. Collins. Uma grande coisa... não o aborrecer. Isso para mim é uma grande coisa. Estou vendo que fiz progressos, não acha?

Eu não achava. Mas para que fazer sofrer Richard? O rapaz era interessante. O seu bigodinho estava admirável àquela manhã. E meu

rosto deve ter-se transformado naquele momento, porque êle tomou aquilo por um sorriso e pôs-se a recitar uns versos, numa voz mole, musical. Só as últimas sílabas me ficaram na memória. Era assim...

"... o pensamento das flores..."

Nunca me esqueci dessas quatro palavras. Que quereria dizer o poeta com isso?

Vê como temos boa memória para as tolices?

Mas quero contar-te o resto da história. Fui com Richard ao Museu. Havia lá dentro um odor estranho. Causou-me até náuseas. Depois de percorrer algumas salas, não podia mais. Protestei. E Richard, escandalizado, interrompeu-me:

— Mas, Mr. Collins. Aqui dentro está a Humanidade tôda...

— Humanidade morta... que me importa essa Humanidade! Isso não me seduz. Prefiro aproveitar o que

resta desta linda manhã que você me roubou, seu ladrão... Houve um longo silêncio entre nós. Eu seguia meio afastado dêle. Pelo caminho, de volta, não olhava para nada mais.

Na rua olhei-o. Richard desviou os olhos de mim. Entrei na carruagem e vim para casa. Não falamos no caminho. Quando cheguei à porta, êle me disse num tom doloroso:

— Malogrei, Mr. Collins?...

— Fragorosamente..., eu ou você.

Richard suspirou fundo. Ergueu o busto. E com dignidade me disse:

— Mr. Collins! O senhor é um caso liqüidado. Marco Aurélio já dizia: "A felicidade do homem depende de si próprio." Mr. Collins, o sr. não está apto para a felicidade... — e fêz um grande gesto. E já a vários passos de mim, cumprimentou-me:

— Passe bem... — e saiu lentamente rua afora.

Êle tinha razão. Eu não tinha aptidão para ser feliz. Gastara-se em mim a sensibilidade. A vida realmente nada me oferecia de interessante.

E sorri. Sorri para o meu grande malôgro emocional.

PETERS, O FILÓSOFO

Assaltam-me agora inúmeras recordações. Os dias passados vivem ainda em mim. Parece-me ver as campinas de Chesterville, verdes, com a grama orvalhada pelo rocio da noite que o sol irisava aos meus olhos.

O perfume das flores silvestres ajudava-me a respirar mais fundo.

Lá, no alto do morro, a casa senhorial dos Hogdons. Silencioso, junto à murada do jardim, ficava com os olhos perdidos na silhueta do castelo. Marjorie estava ali. Loura como os raios de sol da manhã, a percorrer as campinas, levando na

mão a cesta de palha coberta de flores.

— Bom dia, Marjorie.

O meu bom dia, sei, era sério, grave, como se fôsse um homem envelhecido. Ela voltava-se para mim como surpreendida, porque sempre se distraía com as flôres do campo. Era o que me preocupava e tornava mais grave a minha voz. Perguntava-me então: por que sempre surpreendo Marjorie? Por que sempre ela se distrai e não pressente os meus passos? Havia em mim a dúvida de seus sentimentos. Mas duvidava ainda mais dos meus.

Saíamos juntos. Falávamos de tudo, de tudo, menos de nós, de nós de quem tanto precisávamos falar. Seguíamos pelas alamedas do parque. Íamos à fonte do fauno de pedra. Ela bebia a rir a água tão límpida e eu sempre sério, grave, meditativo.

— Pareces um velho...

Havia um tom tão manso de queixa que me comovia. Mas havia também simpatia na sua voz, uma simpatia humana, amiga.

E, depois, seguíamos até a casa de campo. Admirávamos os ceifadores no trabalho. E voltávamos. Às vêzes Marjorie segurava-me pelo braço, como se temesse cair. Puxava-me, e sorria nos meus olhos.

Uma vez levou os dois dedinhos indicadores até às minhas faces, e me disse carinhosamente fazendo um muchocho, e levantando-as:

— Vamos, ria... ria um pouquinho... para mim.

E o meu sorriso sei que era feio, porque Marjorie abanava a cabeça um pouco descontente.

— Que pena!

E ao dizer isso apontava-me um esquilo que esquivo deslizava por uma árvore, ou um sapo que salta-

va por entre a relva. E voltávamos depois. Despedíamo-nos silenciosos, num longo apêrto de mão e num longo até amanhã.

Voltava triste pelo caminho. Faláramos de tudo, de tudo, menos de nós...

Mas deixa-me contar a história de Peters.

O filósofo, que se chamava Peters, propôs-me um motivo novo para viver. Dizia-me, cofiando a barba prêta:

— Mr. Collins... — e pigarreava — a conquista suprema do homem, o desejo máximo do ser humano, é procurar a explicação do universo. Que mundo infinito está encerrado em todos os fenômenos, até nos mais simples. Se me acompanhar, levá-lo-ei de braço dado, para percorrer os caminhos floridos da filosofia. Por que, Mr. Collins, não procura a verdade? — Perguntou-me

profundamente sério, com uma expressão dura nos olhos.

— O que? — perguntei admirado.

— Mr. Collins, repito-lhe: a verdade — e avançou a cabeça para mim.

Lembro-me bem de que dei uma casquinada. Essa casquinada não agradou a Peters que arregaçou os cantos da bôca, num gesto que bem poderia ser de raiva ou de desdém. Para mim pouco se me dava que fôsse ou de raiva ou de desdém ou de ambos ao mesmo tempo. Contudo lhe perguntei, recordo-me bem, como dizem que Pilatos perguntou a Cristo:

— Homem, que é a verdade?

Tinha na minha voz uma entonação biblíca. Isso irritou a Peters. Não sei bem se foi a pergunta ou a entonação da voz, mas provàvelmente ambas não o agradaram. Dizem que Cristo não respondeu. Ou-

tros dizem que sim. Mas o que há de fato, pelo menos, é que ninguém registou a resposta de Cristo. Agora Peters me respondeu e lembro-me de que as suas palavras não foram muito diferentes destas:

— A verdade... a verdade... — Êle abanava a cabeça, parecia-me em êxtase, e prosseguiu: — a verdade... ó! quanto se tem dito sôbre ela.

— Homem, o que é a verdade? — tornei a perguntar com a mesma entonação bíblica na voz.

— A verdade, Mr. Collins, existe. — E fitando-me duramente: — Imagine o infinito de emoções que lhe oferecerá a sua busca.

— Mas vos é dado saber o que ela seja? Se assim é, dizei-me!

Peters parecia que não estava gostando da minha voz de velho testamento, porque preferiu examinar-me o rosto, os olhos, bem no fundo,

como procurando descobrir o que existia atrás do meu rosto. Que procurava êle, não sei. Deveria saber que atrás da minha pele estavam os músculos, os ossos. Mas Peters parecia desejar ver alguma coisa invisível. (Uma intenção, dirias). E foi depois de um longo silêncio entre nós que êle prosseguiu:

— Devemos primeiro chegar a saber o que seja a verdade. Depois procurá-la.

— Não seria mais fácil — perguntei já noutro tom — procurar primeiro a verdade, para então vermos em que consiste?

Êle abanou lentamente a cabeça. Traduzi aquilo por um assentimento. Já preparava até um sorriso de vitória. Um sorriso, não te admires, mas interrompeu-me para me propor:

— Invadiremos a filosofia do Oriente ao Ocidente. — Aquilo cau-

sou-me calafrios. — Iremos procurar no pensamento de todos os quadrantes da terra a verdade. Haveremos de encontrá-la. Ao meu lado tereis os momentos divinos da mais suave das distrações: pensar.

E veio-me depois com longas citações de Hegel, de Kant, de Tomás de Aquino. Coisas penumbrosas, incompreensíveis. Eu bocejava ainda mais. Aquêles filósofos todos me fizeram aborrecer ainda mais a vida.

O ASCETA

Foi durante a campanha dos Adulamitas que essa história se deu comigo. Tu, nessa época, devias andar pela Índia, segundo me informei.

Certamente, ficaste arrebatado com a vitória de Derby e Disraeli sôbre Gladstone e Russell. As reformas propostas haviam fracassado. Como é inútil, nesta terrível e fria Inglaterra, qualquer reforma! Os *tories* prosseguirão *tories*. Gladstone prosseguiria Gladstone. Mas a questão é que Disraeli vencera. E essa vitória era demasiadamente grande. Essa luta Disraeli-Gladstone aborrecia-me ainda mais. A política absorvia a totalidade do povo

inglês. Os operários da cidade entravam a votar. Havia terrores indisfarçáveis. Disraeli acreditava no bom senso dos inglêses. Eu não acreditava no bem senso. Acreditava no espírito utilitário, e que tudo vai bem, quando tudo vai bem! Houve, até, quem falasse no fim do mundo. Os adventistas aproveitaram-se do momento para explorá-lo.

Anunciavam a próxima hora que viria. A revolução se processava, mas na câmara, nos debates. Processo revolucionário inglês, sem sangue. Derrama-se sangue, mas lá fora. Aqui, não! Não há necessidade. Gladstone prometia tudo, oferecia tudo. Não me pus do lado de nenhum. Atitude absolutamente não inglesa, o que irritou alguns dos meus amigos. Acusaram-me de um defeito terrível: frieza política, o que me aborrecia ainda mais.

Foi nessa época que me falaram

dêle. Tinha fama de asceta. Jejuava durante dias inteiros. Umas barbas negras, nazarenas, lhe davam um aspecto apostólico.

Não tinha nenhum porquê a minha procura. Mas, numa manhã que me sobrava tudo, até o tempo, julguei que devia vê-lo. Já tinha meus preconceitos formados. Estava irremediàvelmente definido. Colocara-o, definitivamente, na galeria dos grandes mistificadores. Isso, em Londres, não era de abismar. Mas talvez a curiosidade fôsse em mim mais forte. E fui. A casa era escura. Havia lá dentro muita gente. Senti logo um cheiro acre, intolerável.

Como os templos me causavam náuseas, nesta época... quase que me retirei.

Mas o espetáculo interessou-me. A atitude silenciosa de duas centenas de pessoas, a passividade de uma das janelas, as sombras que paira-

luz mortiça que se coava de leve vam lá dentro, exigiram-me que ficasse.

Êle subiu ao alto de uma cátedra. Nada havia alí que estabelecesse um culto. Acompanhavam-no alguns homens. São êsses que acompanham sempre os mistificadores.

Houve um vozeirio na sala. Mas serenou quando êle ergueu a cabeça e com os olhos fitou as pessoas que ali se achavam.

Sua voz era mansa, mas firme. Falava num leve acento gutural. Não deveria ser inglês, ou pelo menos viria de alguma parte do império. Aceitei que fôsse do Oriente. Um predicador deve vir do Oriente, confirmei, dando um cunho de verdade indiscutível à minha opinião prévia.

E pus-me a estudá-lo. Foi êste o meu estudo:

O ascetismo dêle era uma luta

contra a morte. Buscava, desta forma, um recurso para conservar-se. Insatisfeito com as suas debilidades físicas, trazia no rosto os sulcos profundos e obscuros das dificuldades que a vida conhecia através do corpo. Era a dificuldade de viver plenamente que lhe burilava na face as rugas que aparentavam firmeza, dureza de olhar, profundidade de pensamentos.

Ante a debilidade da vida, os instintos reagiam com artifícios de gestos passivos num rosto rugoso, de palavras lentas e mansas num corpo agitado e nervoso. Eram oposições aparentes que impressionavam à primeira vista.

Lutava contra os prazeres e acusava o mundo das suas loucuras. Ascendia às vêzes ao tom alto dos predicadores alucinados.

Êle lutava contra a morte.

Eu via a morte naquelas olheiras

sombreadas, naqueles cabelos soltos, negros como trevas, naqueles ossos salientes, cravando na pele a anatomia de um desnutrido. A pele sêca, amarelecida, pergaminhada, fazia estacar os olhos buliçosos, a alegria de um sorriso. Impunha, por isso tudo, um respeito temeroso.

Aquilo, para mim, era entretanto a morte.

Erguia os braços para o alto quando predicava, como em busca do sobrenatural. Êle procurava assim dar a impressão do ascetismo.

Naqueles olhos penetrantes, naqueles gestos descarnados, naquelas mãos finas apontadas, naquele rosto esguio, eu assistia a batalha da vida e da morte. Tudo aquilo era morte, mas tudo aquilo era vida também. Era uma maneira de lutar pela vida contra a morte, de a morte lutar contra a vida.

Jejuava muitos dias, diziam.

Era feio. Era magro. Era alto. O nariz aquilino marcava separações. Os olhos escondiam um caráter indevassável. Havia nos lábios finos uma decisão contagiosa. Sucedia à aspereza dos gestos a passividade das contemplações. À sua volta, os sorrisos desapareciam dos rostos serenos. Ficava a amargura nostálgica de um respeito impressionante.

"Um santo..." Essa definição tombou dentro de mim lentamente porque a esperava. Não volvi os olhos para quem me disse isto respeitoso ao ouvido. Mas balbuciei como respondendo a uma dúvida que se houvesse insinuado em mim mesmo: "Um santo..." Quão fácil definí-lo assim... Para mim êsse ascetismo não é uma virtude, é uma segunda natureza, é para êle uma necessidade. E é isso que o vence da morte.

Prometeram que poderia falar

com êle depois da cerimônia religiosa. Restava-me por isso esperar. Foi o que fiz.

Êle atendeu-me com uma serenidade cautelosa. Buscava, com o olhar fito sôbre mim, descobrir as minhas verdadeiras intenções. Mascarei-me da maior simplicidade possível. Pus na voz inflexões de sinceridade mais íntima. Êle acabou confiando em mim porque notei um sorriso nos olhos.

Justifiquei o meu interêsse em me avistar com êle. No fundo, era um homem que se julgava além das crenças mesquinhas. Buscava horizontes mais largos. Possuia minhas dúvidas e buscava também uma fé que enchesse os vazios terríveis de meu ser interior. Êle abanava lentamente a cabeça, concordando. Afirmativo, solidário, como se de antemão soubesse de tudo...

— Crer é a coisa mais simples,

mas, às vêzes, a mais difícil. Há crenças que nascem espontâneas, fáceis. Há muita gente acessível à fé. Mas há muita fé que o tempo grava, lentamente, duramente, como a sedimentação das gôtas cristalinas nas cavernas de estalactites. São crenças que guardam uma história de dúvidas. Conquistas dolorosas, demoradas... Martírios dos que acreditam lenta e difìcilmente. Possuem um valor diferente das crenças que se conquistam sem luta...

Aquelas palavras me excitaram pensamentos diversos. Mudava em parte as minhas opiniões prejulgadas. Não me achava em face de um asceta vulgar, de um dêsses crentes obstinados que fazem de sua crença uma arma, uma couraça, uma agressão. Êle, fugindo da realidade que antes existira entre nós, atin-

gia o domínio da excelsitude para dizer:

— Os que defendem uma causa, a esta emprestam o valor que possuem. Os que lutam denodadamente por uma idéia, tornam-na mais elevada e mais nobre, e, o seu denodo, aumenta-lhes a própria fé. Eu meço o valor de uma crença pela luta em atingí-la, porque sou um exemplo... Isso não deve desanimar os que lutam por uma crença. A convicção da verdade é custosa. Mas a esperança deve animar os homens. E a esperança é uma fôrça, uma graça divina, e é ela que distingue os homens dos brutos.

O tipo do asceta que eu forjara na minha idéia sofria com aquêle homem uma restrição. A minha análise anterior decepcionou-me. Arrisquei perguntar:

— Diga-me: Julga a humildade uma virtude?

O olhar dêle perdeu-se distante. Pendeu a cabeça magra até mim e sussurrou-me:

— A humildade é uma virtude. E a humildade também não é uma virtude. Há humildades que são covardias perante Deus e ante os homens. Essa é uma fraqueza que desprezo. A humildade dos fortes, dos poderosos, dos maus, tem vestígios profundos de uma virtude nobre. Eu sei quão trágica é a luta dos maus que querem e não sabem ou não podem ser bons. Há um limite da humildade. Os bons, os humildes, os que nasceram com essa tendência, a quem Deus deu essa graça, quando a praticam fazem um ato natural, simples e sem esfôrço. Há na santidade uma fronteira que atinge a do pecado. São Francisco de Assis conheceu essa fronteira e chegou a temer a própria bonda-

de... É por isso que se diz que há mais alegria na conversão de um pecador que na salvação de um justo. Essa alegria não predica o pecado como meio para atingir a salvação. Ela traduz o conhecimento da vitória do mal sôbre o bem. A alegria que causa não é a da conquista de um convertido, mas a da conversão. É a da vitória do Bem sôbre o Mal. As próprias santidades temeram os seus atos mais puros e os seus gestos mais nobres, porque temeram envaidecer-se de sua santidade e de sua pureza. Por isso, meu irmão, a santidade de um homem encerra martírios, porque é preciso vencer o próprio orgulho de ser santo.

E isso nem todos compreendem... São vitórias que só Deus conhece e sabe.

Quando voltei, dentro de mim, refazia em parte as minhas concepções

psicológicas do ascetismo. Não era êle, simplesmente, uma manifestação de fraqueza fisiológica. Há no ascetismo certa heròicidade que paira muito acima do próprio heroísmo. E aquêle homem era um exemplo.

Por isso, voltei novamente...

Esperei que todos saíssem. Faleilhe, outra vez. Ah! esquecia-me de te dizer: chamava-se John Jarvis. Tinha nascido na Índia. Não poderia encontrar naquele homem o que necessitava para encher o vazio de minha vida. Quando expus-lhe as minhas opiniões, ouviu-me com a neutralidade simpática de um padre confessor.

Por fim, pondo-me a mão nazarena sôbre o ombro, disse-me mansamente:

— Só há uma felicidade: aquela que a bondade nos oferece. Ninguém encontra a serenidade de alma, o

bem-estar, a alegria simples e boa, senão quando faz o bem. Faça o bem e conhecerá os momentos felizes que o amor ao semelhante oferece. Creia que Deus fêz o mundo e fêz o homem, e deu-lhe o mal, para que amasse o bem; deu-lhe a tristeza para que valorizasse a alegria; deu-lhe a dor para que compreendesse o prazer. Aquêles que acusam Deus de não ter feito um mundo como desejariam, esquecem que, precisamente, nessas contradições, é que a obra divina se evidenciou. Um homem teria feito o mundo segundo as suas mesquinhas intenções. Daria tanto prazer, tanta alegria, tanto bem-estar, tanta felicidade, que após algumas gerações, essa felicidade, essa alegria, êsse bem-estar, êsse prazer, lhe seriam odiosos.

Só os bons são felizes. Conjuro-lhe a fazer o bem. Dê, senhor, dê...

Conheça a alegria de dar. Dê sem pensar no que dá. Dê sem pena do que perde... Ganhará, assim, a serenidade de alma de que precisa...

E eu acreditei... E dei... Dei sem olhar o que dava. Dei sem pena do que perdia.

Mas conheci a humilhação de dar, a tortura de quem dá.

John Jarvis enganara-me. Eu conhecera o enjôo de dar. Os agradecimentos repugnavam-me. Os olhares de bondade que esperava dos outros não existiam.

Eu lhes tinha dado do meu supérfluo.

SIMAS

Era uma manhã de sol de outono. Eu não dormira na véspera porque tôda a noite havia sido assaltado por estranhos pensamentos, misteriosos e carregados de sugestões terríveis. E, junto à lareira, permanecera horas a fio olhando o mistério das chamas que se erguiam num bailado de línguas de fogo. Pensava em Marjorie. Temia a minha inaptidão ao amor, a saciedade que conhecia ao menor contacto. Para mim o amor não era sexo sòmente. Procurava também a espiritualidade de que falam os poetas em seus cantos.

Durante a noite, alí, afundado na

poltrona, volvia os olhos para ver a disforme figura de sombra que se projetava na parede. Uma grande silhueta de Robert T. Collins manchava de sombras a luz rosada.

O pensamento humano, dizia para mim, é luz e sombras. Não compreenderíamos a vida, assim como a compreendemos, se não houvesse um amanhecer. Nem a morte se não conhecêssemos as trevas da noite. No fundo temos meia dúzia de pensamentos: sólido e líquido, frio e quente, luz e trevas, côncavo e convexo. Qause tudo, o que afirmamos como espiritualidade, é apenas símbolos dêsses conhecimentos elementares, que formam a base de tôda a nossa cultura. Ainda é muito frágil a inteligência do homem. Não alcançamos ainda senão um punhado de perspectivas ingênuas.

Eu iria compreender isso mais tarde, mas, infelizmente seria muito tarde.

Mas a lembrança de Marjorie me assaltara a noite tôda. Poderia dizer que a amava e talvez Marjorie também me amasse. Nosso casamento seria recebido com alegria por ambas as famílias. Mas havia um grande obstáculo, que era eu. Não devia ser timidez, mas quem sabe talvez fôsse apenas timidez! Marjorie tinha deixado tantas vêzes o caminho aberto para que eu me declarasse. Mas eu temia, temia a mim próprio, o meu próprio eu, a minha saciedade fácil. Se casasse com Marjorie, não tinha certeza de lhe ser sincero. Talvez o fôsse por pouco tempo, e depois desapareceria. E assim prometi a mim mesmo afastar-me, viajar, ir para longe dela não permanecer naquele terreno de esperanças que nada me daria.

Mas naquela manhã de sol de outono, depois daquela noite que não dormira, alí, junto à lareira trou-

xeram-me uma mensagem da casa dos Hogdons. Preparei-me às pressas e sai logo.

*

Numa daquelas manhãs abri o Times (êsse insuportável jornal que tu consideras o melhor do mundo) e nada encontrando de interessante, como sempre acontece, resolvi ler as páginas de anúncios. As mesmas coisas... A mesma gente otimista que espera um emprêgo, aquêles que se oferecem, para isso, para aquilo, para tudo, enfim. Interessante êsse espetáculo humano dos homens que se oferecem para tôdas as funções. Chamam a isso "bôlsa do trabalho". A expressão é grave, empresta-lhe certa honorabilidade de velhaco (tu chamarias honorabilidade comercial). Homens à venda, ao primeiro comprador... Nota que êles nem sequer podem gozar o estranho prazer que conheceria

um escravo no leilão, vendo oferecer, cada vez, lanços mais altos, o que em algo enobrecia os escravos...

"Sou um escravo que custou mais de mil libras..." Com que orgulho não teria pronunciado essas palavras! Isso deve criar uma hierarquia na escravidão... "Aquêle que vai alí? Um escravo reles... Nem lhe chegaram a dar 50 libras!..."

Mas voltemos à "bôlsa do trabalho". Nesse caso é diferente. O novo escravo não tem o direito de conhecer a fruição de se ver lançado cada vez mais alto. Compra-o o primeiro que chega. Basta aceitar o preço que dá ao seu serviço. (Tu chamas a isso salário. Não te ofendas. Mas ainda tens aquêle tom de voz? Como eu riria ao te ouvir dizer: salário!...)

Pois êsse salário, desde que al-

cance o necessário para não deixar morrer de fome, é aceito. E não digas que há liberdade em aceitar ou não aceitar. Essa liberdade é outra maravilhosa invenção que vocês criaram. Se não aceita, vem outro e... o serviço já não é mais dêle. A liberdade só existe para que perca ou ganhe o serviço... Bonita liberdade!...

Mas voltemos novamente à "bôlsa do trabalho".

Tive oportunidade de lêr um anúncio interessante. Reproduzo-te as palavras:

"*Quer conquistar a celebridade?*"

"Pessoa com vasta bagagem literária oferece aos que desejam obter celebridade, apresentando-se na vida como autores de qualquer livro, com o intuito de se candidatarem a Academias de Letras ou sociedades de caráter cultural, tra-

balhos tais como: romances, aventuras românticas ou filosóficas, incluindo também o gênero policial ou histórico, peças de teatro, em verso ou prosa, históricas ou fixando os chamados "problemas da atualidade" tão ao gôsto do momento, comédias, dramas, tragédias, com exceção de óperas musicais, mas podendo, também escrever libretos; poemas, livros, versos, de todos os gêneros e escolas, desde os clássicos até os simbolistas; teses econômicas, históricas, filosóficas, desde as permitidas às não permitidas; crônicas, artigos para jornal, discursos para datas históricas, ou outras solenidades. *Preços módicos.* Êsses trabalhos são absolutamente inéditos, e garante-se a maior reserva e honorabilidade do autor que abre mão de todos os direitos, entregando até os manuscritos originais. Preparam-se trabalhos por en-

comenda. Estoque grande e variado. Para quantidade faz-se redução de preços."

Seguia-se o endereço. Lí êsse anúncio talvez umas dez vêzes. A minha primeira impressão foi a mesma que tu tens, ao leres isso. Julguei que fôsse uma "blague". Por isso busquei rir... abri a bôca, arranquei uma gargalhada mecânica, tonitroante, terrível.

Uma dessas gargalhadas sêcas em que entram os lábios, os olhos, os maxilares, a língua, a garganta, os pulmões, entra tudo, menos o espírito. Interiormente não ria. E uma expressão de seriedade terrível deveria estar no meu rosto, porque a sentia à flor da pele como se a apalpasse com os nervos. Aquilo me encheu de curiosidade. Precisava conhecer êsse homem. E iria àquela manhã mesmo. Êle almoçaria comigo em qaulquer restaurante da ci-

dade. Êsse homem tinha de ter algo de interessante para me contar. Isso me traria alguns momentos alegres. Tinha direito de buscar uma alegria, nessa Londres cinzenta, esfumaçada, trágica, muda, com as fábricas a vomitar trevas e trevas, cada vez mais trevas! Que coisa funerária, terrível, avassalante...

*

O homem já não era moço. Os cabelos estavam embranquecidos. O rosto tinha uma palidez londrina, como se fôsse de cêra. Uns olhos profundos, duas asas negras sôbre o rosto. Recebeu-me com uma gentileza displicente. Isso me decepcionava, pois julgava que me recebenaria satisfeito.

De início, afirmei-lhe o meu interêsse pelos seus trabalhos.

Isso não o abalou nem lhe mudou o tom inicial de voz e nem me fêz

um gesto mais amigo. Mandou-me apenas sentar. O quarto onde vivia, quase no último andar de uma dessas imundas casas de cômodos dos bairros pobres da maior cidade do mundo, era de uma singeleza irritante. (Tu, por exemplo, terias outras palavras: chamarias franciscana, humilde, nazarena...)

Era sórdido além do mais! O assoalho era sujo, sujeira acumulada de muitos anos. Pelos vidros embaciados de poeira coava-se uma luz fraca que vinha até êle e o envolvia. Sentado à mesa, cercado de livros, uma verdadeira cordilheira de livros de todos os tamanhos e encadernações. O chão estava coalhado também. Havia, ao fundo, uma estante de madeira amontoada em desordem. E ao lado direito um móvel coberto com um pano cinzento que deveria ser uma cama.

Com as mãos juntas e o olhar

procurando-me na penumbra êle me disse:

— Realmente tenho para oferecer tudo isso que está anunciado aí. Meu ponto de vista é muito diferente da maioria. Eu odeio a literatura em tôdas as suas carcterísticas. Por isso escrevo... — e riu-se... — escrevo, sim, com raiva, com ódio, com desprêzo. Só tenho um desejo ao fazer essas dezenas e dezenas de livros: desmoralizar a literatura pela apresentação de mais livros e mais livros! Quero afogar a inteligência sob ondas de livros. Escreve-se demais hoje. Todo o mundo quer escrever e todo o mundo sabe escrever. Há livros que seriam inacreditáveis antes de publicados.

Há muita gente, porém, que julga que escrever é uma função de nobreza transcendental: uma grande arte, um dom, um privilégio extraordinário, um esfôrço sôbre-hu-

mano. O autor passa noites e noites a fio, dias e dias de angústia, de dúvidas, de sacrifícios, de esforços, de trabalhos sem esperança, para, finalmente, apresentar um livro que é lido em poucas horas. Isso é uma mentira. Comigo se dá precisamente o contrário. Escrevo como faria qualquer outra coisa. Sempre as funções, que os outros fazem com facilidade e que nós julgamos difíceis, são as mais admiradas!

Um jogador de bilhar é admirado por um "pichote". Quando o jogador faz a vigésima carambola, já passa à categoria de um deus. O "pichote", que o julga por si, transforma-o numa divindade. Crê que existe abundância de qualidades nobres, de inteligência, de valor, no homem que faz trinta carambolas sucessivas. No entanto, para o jogador de bilhar, aquilo é fácil, um simples brinquedo que êle realiza

displicentemente. É o que se dá comigo. Escrevo como quem joga bilhar, como quem passeia. É um divertimento inocente, que fiz durante anos e anos. Estão aí essas centenas de livros que escrevi. Nunca os publiquei. Para mim são obras ingênuamente realizadas, porque nelas não existe nada de mim. São boas, acredito, boas como as que se publicam pelo mundo. Mas, para mim, são simples realizações de extrema facilidade. Que devo fazer, agora? Pô-las fora? Seria imbecil. Não há gente que ambiciona glórias literárias, sucesso, romance?

Isso seria, para muitos, um grande bem, uma felicidade. Quanto dariam para poder escrever três ou quatro livros? Candidatarem-se a uma sociedade cultural? Não é? Pois aí estão para os seus filhos para os seus netos, enfim para uma longa descendência e tudo ao seu

dispor. Agora fale-me de sua visita...

Engoli em sêco. Não despegara do homem os meus olhos interrogativos e observadores. E foi vencendo uma certa dificuldade interior que lhe disse:

— Minha vinda aqui era precisamente essa: desejava conhecer o que fêz. Uma curiosidade de homem cansado da vida que busca inùtilmente emoções. Falou-me em glória, em renome, mas não sei se isso faz alguém feliz. Mas quero experimentar, e porisso, comprar seus livros. Vou publicá-los e talvez ponha nêles o meu nome (naquela ocasião ainda não havia resolvido). Quantos livros já tem prontos?

— Uns trezentos... — os olhos do homem brilhavam.

— Tantos! Mas vá lá. Escolha uns dez; e vamos publicá-los. Até umas dez mil libras estou disposto a gas-

tar. Talvez mais, isto depende de você. Mude-se hoje mesmo para a minha casa, mas tome um banho antes, e deixe sua roupa aqui. Não leve nada, senão o que veste. Dê-me sua altura... (êle deu-me). Qual o número dos sapatos? (êle deu-me). Está tudo bem. Aqui está o meu enderêço e aqui uma nota de cem libras. Faça a mudança hoje ou não faça nunca. Venha comigo. Traga também o gato... (era um animal imundo que estava ao canto, acocorado à luz). E jantaremos juntos...

*

Esqueci-me de te dizer o nome dêle. Chamava-se Simas Laramie. O nome serviria òtimamente para um poeta, foi êle quem me disse. "Silêncios..." era um dos livros de versos de Simas Laramie, aquêle de sonetos que publiquei em fins de oitenta e que me aplaudiste por

carta. Mas vamos ao caso que é mais interessante, e estou vendo a sofreguidão com que estás devorando estas páginas.

Como eu ordenara, Simas Laramie veio de tarde à minha casa. Já estava demasiadamente aborrecido da espera e bocejava quando me anunciaram que chegara. Mandei-o entrar imediatamente. Indicaram-lhe o quarto, alojaram a papelama tôda e os livros numa sala. Uma hora depois o atendi. Estranhava-me terrìvelmente. Quase não respondia ao que perguntava. Via-se que o homem teimava em querer-me interpretar através das suas demoradas observações sôbre o meu rosto, palavras e gestos. Resolvi terminar com aquilo. Abri a carteira e tirei duas notas de cem libras e dei-lhe. Ensaiou certos escrúpulos. Mas atalhei logo.

— É por conta dos livros. Guarde.

Foi o que fêz, o que tu também farias. Como se mostrasse ainda reservado, voltei ao mesmo argumento. Fui até o cofre, na sala maior, retirei cinco notas de cem libras (como êstes teus honestos olhos devem brilhar!) e dei-lhe. O homem estava maravilhado comigo. Não sabia se ria ou chorava. Mas preferiu rir. Mandei vir uísque para que, de uma vez por tôdas, soltasse aquela preciosa língua.

O argumento e o estímulo eram poderosos. Foram essas as suas primeiras palavras interessantes:

— Antes de tudo, Mr. Collins, deixe que lhe diga: o sr. é um homem extraordinário. Sim, aquelas palavras eram as minhas libras falando. — Nunca imaginei que nesta babilônia do século dezenove, existisse um homem, um verdadeiro homem. O sr., realmente, me reconcilia com a sua classe. Eu odia-

va-a, garanto-lhe. Agora compreendo que há grandes caracteres, até entre a nobreza. — Inegàvelmente a libra é um grande estimulante para as palavras elogiosas. Já me aborreciam aquêles elogios contínuos, por isso resolvi fazê-lo calar-se, e dei-lhe outra nota de cem libras, dizendo-lhe:

— Guarde mais essas cem libras, e cale-se... — Êle calou, mas segurou a nota de cem libras com certa indiferença. Já cem libras, para quem ganhara tantas cem em tão poucos instantes, era uma miséria. Quase protestou — dava-me a impressão — ante a minha afronta de lhe comprar o silêncio com uma ninharia daquelas. Essa impressão me fêz sorrir. O meu sorriso animou-o a guardar a nota que segurava entre os dedos. Sorriu-me também. Houve uma pausa longa enquanto ambos examinávamos um ao outro.

Foi interessante aquêle momento. Vou contar- te porque encerrou instantes deliciosos. (Não te admires, não. Julguei-os deliciosos!) Meus olhos, primeiramente, pousaram-se nas sobrancelhas de Simas. Eram negras sob uma cabeça quase nevada. Mantinham dois traços escuros sôbre dois olhos profundos. Pus sôbre êles o meu olhar. Fui de ponta a ponta, como se examinasse cabelo por cabelo. A demora da minha análise deixou-o meio perturbado, a ponto de tocar com a mão as sobrancelhas. Julgou, no mínimo que estivessem sujas. Procurou, até, um espêlho pela sala. Concluí isso, pela angustiosa busca que com os olhos deu em tôda a sala. Quando viu o espêlho, parou ràpidamente. Fêz menção de se levantar. Mas um gesto que fiz com a mão reteve-o na cadeira contrafeito. Êle não se deu por vencido. Vingou-se de mim,

demoradamente, requintadamente, olhando para o meu "plaston". Levou mais tempo que eu, até. Examinava-o de lado a lado.

Os olhos pousavam-se tão interessadamente que não me contive também.

Apalpei o "platon" diversas vêzes, enquanto seguia cuidadosamente os olhos. Mas retruquei em seguida, pondo os meus decididamente sôbre os seus cabelos. Olhei as orelhas com requintes de escultor ou artista.

Avançava aos poucos, recuava, buscava a luz. Fazia exploração meticulosas sôbre os seus cabelos soltos, tumultuosos. Mudei até a posição para os olhar melhor, de lado. Isso o perturbou, movendo-se para mim, preocupado. Esperou muito. Finalmente não se conteve. Passou as mãos pelos cabelos, penteando-os com os dedos abertos. Estreme-

ceu. Reagiu com um leve arregaçar dos cantos da bôca e começou, imagina, a olhar os meus pés.

Era terrível, embaraçante. Eu quis até escondê-los debaixo da cadeira. Impossível. Os olhos do homem seguiam-nos ainda mais interessados. Demorou-se terrìvelmente, escandalosamente a olhá-los. Seriam grandes demais? Não, não era isso. Ah! a côr dos sapatos. A côr era horrìvelmente cinzenta. Tu bem sabes o mau gôsto de John. Que fazer, agora? Não podia atirá-los longe. Os seus olhos seguiam-me nas vãs tentativas que eu fazia para escondê-los atrás dos pés da cadeira. Êle prosseguiu, debruçado sôbre êles, a olhar.

Eu estava alvoroçado, nervoso, inquieto. Pigarreei para salvar-me. Êle ergueu a cabeça. Aproveitei a trégua para dizer engasgado, essas palavras:

— Mr. Simas, falemos enfim de nossos planos editoriais...

— Planos? Pois não. São os mais simples...

Estava salvo! E desabafei-me num longo expirar...

TORNO-ME ESCRITOR

E foi por isso que resolvi tornar-me escritor. A crítica receber-me-ia bem. Simas me garantia que escrevendo antes uns elogios aos escritores de mais evidência êles me retribuiriam.

— Após os ensaios de crítica, publica-se, por exemplo, um ensaio histórico sôbre o reinado de Jaime VII. Isso talvez lhe assegure um lugar na Sociedade de História. Tenho bons elementos sôbre a invasão romana no tempo de Cláudio. Êsse trabalho, realmente, custou-me quase um ano. Tive de andar, diària-

mente, tanto no Museu Britânico como nas bibliotecas.

Dará talvez um grosso volume de mil páginas.

— Mas eu desejaria escrever uma novela, também...

— Pode... Pode... Por exemplo "Névoas..." É um livro que estuda Londres e sua gente sôbre diversos aspectos.

— E versos?

— Pode publicar, por exemplo, uma seqüência de sonetos, alegando que foram feitos na juventude. Com algumas correções, adaptando-os a épocas anteriores, posso organizar um livro de uns duzentos sonetos. Poderia chamar-se: "Estátuas..." e seriam requintadamente parnasianas. Isso condiria com seu espírito e mais ao gôsto do público inglês...

— Não!... Não!... Uma obra simbolista por exemplo. Era disso

que Richard me falava muito. Tem disso também?

— Tenho. Pode ser também em sonetos. Tenho um livro. Um momento, deixe-me ver a lista. — Examinou a que trazia numa carteira. E, depois, citou-me: "Flauta de Pan...", "Lírios soltos...", "A luz da manhã.", "Alvoradas", "O Cancioneiro das lágrimas", "Versos de uma alma", "Espumas da vida"... Qual dêles lhe agrada mais?...

Na realidade nenhum me agradava. Mas optei por "A luz da manhã" e "Espumas da vida". O primeiro porque julguei razoável o título e o segundo por curiosidade. Estava ansioso por saber como seriam essas "Espumas da vida". E como insistisse muito, êle foi buscá-los no quarto, trazendo-me.

Li versos de um e outro. Tinha coisas assim: "o crepúsculo arrasta a noite pelos cabelos...", "As mãos

gélidas da manhã pousavam sôbre a terra.", "E beijei o lírio do seu rosto", "No carro triunfal do dia meus olhos cantaram a vida...", "Monja noite rezava a oração das estrêlas", "A lua, marmórea donzela, cujas lágrimas de luar embalsamavam o infinito de dores..."

— Mas é isso simbolismo? — Perguntei meio contrariado.

— É legítimo... última palavra. Sem grandes exageros. Próprio para uma personalidade como a sua...

Torci o nariz... Que iriam dizer de mim, falando em "lua, marmórea donzela..." "em noites arrastadas pelos cabelos..." A crítica iria enfurecer-se. Ia ser um pandemônio de opiniões, de diatribes. Isso me animou. Resolvi, por isso, que meus primeiros livros fôssem de versos.

Simas procurou demover meu ponto de vista. Que deveria iniciar

com a publicação do ensaio sôbre a conquista romana no tempo de Cláudio. Qual nada! Tinha que ser versos, eu queria versos.

— Vou publicar todos os seus livros de versos... — ajuntei firme.

— Todos?

— Sim todos, — retruquei.

— Mas são dezenas... mr. Collins.

— Quantos são, ao todo?

— Não sei bem... Só contando.

— Então conte-os, e já!

Êle puxou da caderneta. Levou um minuto a contá-los. Por fim me disse:

— São trinta e dois. Há simbolistas, parnasianos, clássicos, românticos, materialistas desesperados, religiosos...

— Publicaremos todos...

— Mas em seu nome será demais. Um nome só, publicar de uma feita trinta e dois livros de versos?

— Inventaremos nomes. O autor é secundário. A obra é tudo. Faremos um poeta simbolista, que serei eu. Todos os versos simbolistas sairão com o meu nome. Para os outros inventaremos outros nomes.

E foi assim que, nestes últimos tempos, saíram tantos livros de versos. Tudo isso é de Simas Laramie.

Êle estava entusiasmado.

— O sr. é admirável, mr. Collins, admirável. Está realizando o meu sonho. O sonho de tôda a minha vida: acabar com a poesia. Afogaremos o mundo em versos e mais versos. — E fêz uma pausa. Sério, imenso, épico até, fitou-me e levando a mão fechada e o dedo indicador apontado para mim, interrogou-me como faria um juiz:

— Mr. Collins, quer publicar dezenas e dezenas de livros de versos?

— Milhares se houver.

— Pois, mr. Collins, conte comi-

go. Farei um por semana e poderei dar-lhe anualmente, no mínimo, cinqüenta livros de versos...

— E podemos fazê-los em quantas línguas?

— Em inglês, francês, espanhol, alemão e italiano.

— Escreve em tôdas elas?

— Escrevo, mr. Collins.

— Bravo! Mãos à obra. Afogaremos êsses países todos com versos e mais versos por tôda a parte. Maravilhoso!...

Foi por isso, meu caro, êsse renascimento inesperado da poesia que se verificou nesses países. Simas Laramie afogava o mundo de poesia.

E apareceram imitadores. E mais de um poeta repetiu: "o crepúsculo arrasta a noite pelos cabelos", "monja noite reza a oração das estrêlas", "meus olhos cantam a vida", etc. etc.

Alguma coisa tinha de resultar disso tudo. Era o que eu pensava e também o que me enchia de curiosidade.

*

Como desejaria contar-te tudo quanto sucedeu! Mas foi tanta coisa, deram-se acontecimentos tão estranhos, que levaria páginas e mais páginas para descrevê-los. Mas, neste momento, a lembrança daquela manhã de sol de outono não me sai da memória.

Quando no carro voava para a casa de Marjorie, já sabia de tudo!

Sir Thomas Hogdons fôra vítima de um colapso cardíaco. O criado que o servia, ao amanhecer, quando abriu as cortinas, encontrou-o morto. Deu o alarma. O dr. Jenkins, chamado imediatamente, nada pôde fazer.

Marjorie estava no quarto com outras pessoas, acompanhada de tia

Elisabeth. E, em pouco, a mansão dos Hogdons encheu-se de amigos e vizinhos. Já os criados cobriam de fumo os móveis da sala mortuária.

Procurei consolar Marjorie. Mas, como sempre, minha frieza era surpreendente até para mim. Eu não compreendia, então, que aquela era a minha forma de amar. Tenho certeza que decepcionei Marjorie. Não soube sequer aproveitar o instante para manifestar-lhe os meus sentimentos.

No dia seguinte, estava disposto a contar-lhe tudo, quando outro acontecimento veio influir em minha vida. É que naquele dia chegou à mansão dos Hodgons, Sybil Sinclair, primo de Marjorie.

Logo no primeiro momento compreendi tudo quanto me reservava o futuro.

GUERRA À LITERATURA

Mas deixa-me contar-te o resto da história de Simas Laramie.

Simas era um homem monumental. Trabalhava mais de dez horas diárias e produzia incessantemente. Eram versos, ensaios, trechos líricos, crônicas, artigos. Foi preciso contratar três secretários para passar a limpo os livros que escrevia com uma rapidez que me espantava.

Eu ficava horas ao lado dêle a ver aquela pena rasgando o papel. A curiosidade que eu tinha do que êle escrevia, no início deixava-me ansiado. Quando arrancava

uma fôlha para continuar na outra, punha-me a ler as garatujas.

Tinha uma letra horrível e isso me aborrecia, porque necessitava de esforços hercúleos (lembras-te? essa palavra era muito usada por ti) para poder ler o que estava no papel. Conto-te agora o que mais interessa ao teu gênio de bom inglês: Laramie gastou em seis meses cerca de oito mil fôlhas de papel almaço, pois incansável, escrevia e escrevia sem cessar. Inundamos em seis meses a Inglaterra, a França, a Alemanha, a Itália e a Espanha de centenas de livros de poesia. Contratamos tradutores. Editei assim, em seis meses, cêrca de 120 livros, em diversas editôras. Saldo final: (o que realmente te deve interessar!) perdi, na transação, mais de dezoito mil libras, pois muitas edições acabaram vendidas como papel velho, porque re-

almente, não valiam nada. Simas Laramie já abusava do talento. Repetia-se muito. Alguns dêsses livros foram premiados.

Um problema foi receber os prêmios. Sabes o que fiz? E digas depois que não sou supinamente bondoso. Na Espanha e na França procurei jovens absolutamente imbecís e os transformei em autores. Dei-lhes os direitos sôbre os livros e se tornaram até célebres. Que pensas tu? Há muito poeta por aí de renome que deve tudo a mim... isto é, ao meu dinheiro e ao talento de Simas Laramie.

Na Alemanha, lancei uma plêiade de poetas. Facilitei a publicação de livros de tôda espécie. Consegui diversos, ansiosos de aparecerem nas letras, que aceitariam com facilidade e de quem estivesse garantido de certa discreção e silêncio. Houve casos interessantíssimos.

Em Heidelberg havia um estudante que a sua maior ambição era tornar-se um grande poeta. O pobre do rapaz não tinha talento nenhum. Andava cabisbaixo. Dizia-se que uma "gretchen", que êle adorava, andava de amores com outro delambido Fritz que a cortejava com uns sonetos pavorosos. Êle havia tentado escrever alguma coisa, mas ficava no papel atirado à cesta, porque não saía nada que prestasse. Isso não me foi difícil descobrir, porque um dia, numa dessas ruidosas cervejarias de estudantes, um dêles, numa roda, virando-se para um jovem taciturno, exclamou:

— Então, Franz, quando saem êsses versos?... Fritz te tomou o lugar, hein?!...

O tal Franz levantou-se terrìvelmente perturbado. Fêz uma única coisa. Derramou a cerveja no chão, fato sumamente grave, julguei, por

se tratar de um alemão. Logo vi que estouraria ali um daqueles famosos duelos de estudantes, com caras feridas. Mas qual, estourou, sim, foi uma retumbante gargalhada na sala que teve tôdas as gamas e tonalidades de voz, desde as de tenor às de um grave profundo do dono da cervejaria.

O pobre do Franz saiu porta afora, de cabeça baixa, arrastando atrás de si a gargalhada que o perseguia. Não me contive. Paguei apressadamente, e segui-o. Na rua, ia cosido à parede, de cabeça baixa.

Podia sentir sua feição triste pelo busto dobrado sôbre si mesmo.

Tinha a impressão que êle chorava. Se fôsses tu, terias afirmado que chorava. Não cheguei a tanto. Julguei que até um homem, jovem, quando ama, não chora assim, por causa de uma gargalhada embora

em público, e aviltante. Apressei o passo. Juntei-me a êle.

— Jovem... Boa noite!

Êle respondeu-me num murmúrio sem sequer me olhar. Mas animado engrolei o meu péssimo alemão que, a meu ver, entendia pouco pelas contínuas perguntas que me fazia. Mas vou traduzir-te mais ou menos o diálogo que mantivemos.

— Jovem... Não se apoquente por causa disso. Eu tenho a solução dos seus problemas. Isso não é nada, ante o que lhe vou oferecer.

Juro-te que neste instante cheguei a convencer-me de que eu era Satanás. Sim, Satanás, legitimíssimo Satanás do apólogo do estudante de Heidelberg. E o olhar de espanto, que o pobre rapaz pôs em mim, tinha mais de terror que de espanto.

— Acredite que não sou Satanás. E acredite mesmo apesar de dizer

que não sou Satanás. Estava convencido de que dizendo isso pouco adiantava, porque êle continuava temeroso a olhar-me. Para êle eu era Satanás. Cheguei a temer um sinal da cruz do rapaz, com mêdo de me esvair pela terra ou dissolver-me pelo ar, deixando atrás de mim um cheiro insuportável de enxôfre, porque eu mesmo, naquela noite, e no meio daquelas trevas, até já não sabia se era ou não o próprio Satanás! Mas, vencendo a minha dúvida, teimei:

— Juro-lhe por Deus e pela santa cruz que não sou Satanás!...

Êsse juramento era o mais convincente que poderia fazer.

O POETA DE HEIDELBERG

O rapaz ao ouvir êste meu juramento suspirou e sorriu. Acreditava agora em mim. Pelo menos experimentava maior confiança.

— Venha comigo, e vamos a um bar. Beberemos juntos, e conversaremos melhor.

Ora, não é difícil encontrar um bar, muito menos na Alemanha, e menos, ainda, em Heidelberg. Logo encontramos um, entramos e pedi logo um reservado.

O meu pedido perturbou levemente o jovem, mas o meu sorriso deveria ter sido tão bondoso que êle não fêz nenhum gesto discordante. Naquele momento, garanto-

te, procurava em mim tudo quanto havia de gentileza e naturalidade. Sim, porque temia, que parecendo artifical, o jovem fugisse de mim, o que me irritaria, pois estava disposto a praticar uma boa ação.

Pedi uísque, e êle pediu cerveja para não trairmos as tradições pátrias.

— Antes de tudo, toque na minha mão e veja que são quentes. Olhe nos meus olhos que não verá nêles chispas de fogo. Sou, portanto, um homem, um legítimo homem, um simples homem de carne e osso e algum dinheiro no bôlso, porque sem êsse último elemento já não sei se seria homem ou sombra...

Parece que gostou das minhas palavras porque riu muito. Não sei se foi das palavras ou da cerveja, pois já emborcara mais da metade do canecão. O fato é que riu, e isso me animou.

— Jovem... peço-lhe sòmente que entre nós haja a maior confiança. Fale-me sinceramente. Por que está triste?

Na realidade, na segunda caneca, já não era para estar triste. Mas isso não me desanimou, e continuei:

— Jovem... você tem uma namorada. Uma pequena de quem você gosta, não é?...

Êle baixou a cabeça. Era uma maneira muito humana de confirmar. Por isso prossegui:

— Muito bem. Deve ser bonita. Adorável. Tôda pequena que amamos é bonita e adorável, e a sua não poderia fugir à regra... — o sorriso dêle era animador. — Você é poeta?

Garanto-te que fiz um esfôrço supremo para não rir, para dominar-me e conter uma gargalhada. O olhar de criança chorona, o rosto

contrafeito, era a mais eloqüente das confissões.

— Sei que desejaria ser poeta.

— Seria a felicidade para mim...

— Sua amada, certamente, o amaria mais se você fizesse uns versinhos de amor, não é? Êle abanou a cabeça confirmando. Era a minha hora. Ia ser, naquele instante, o anjo salvador, o querubim que vinha dos céus, do "empíreo", como eu disse naquele livro infame que tu admiraste tanto "Nos zéfiros da tarde...". Desci voejando até êle. Era agora Gabriel, o anjo do Senhor...

— Meu filho... — Meu filho... — e retirei de sob a capa um manuscrito que por acaso trazia comigo. — Tome, aqui, tem um livro de versos líricos. Êles são seus. Êstes manuscritos lhe pertencem. Amanhã irá com êles a um editor. Correrão por minha conta as despesas.

Durante alguns segundos êle fi-

cou hesitante. Eu assumia para êle uma expressão sobrenatural. Fitou-me os olhos. Sorri. Êle sorriu.

Êle segurou o manuscrito e leu alguns versos. Os olhos brilhavam mais que a luz da sala. Tremiam-lhe as mãos. Balbuciava palavras. Ergueu os olhos até mim e não se conteve espantado, trêmulo ajoelhou-se, e disse-me entre lágrimas:

— Isto é um milagre, Senhor, quem sois?... Quem sois?... Donde viestes?...

Não me contive ante aquêles arroubos e muito naturalmente pronunciei estas britânicas palavras:

— Sir Robert Norton Collins, natural da Inglaterra, Dover, Richmont, para lhe servir...

E estirei-lhe os braços para que êle se levantasse daquela incômoda posição.

*

Ficamos até alta noite bebendo e

êle a ler o manuscrito. De vez em quando não se continha e, como uma criança, ria e batia as mãos de contente. Tinha adjetivos exagerados: maravilhoso, divino, emocionante, colossal. E repetia alto os versos numa cadência tão lenta e tão musical que me deu sono. Quase adormeci alí. Mas o incômodo da cadeira não permitia dormir dentro dos sãos princípios do "confort" e, por isso, resolvi aconselhar que fôsse para casa e eu para a minha hospedaria. Deu-me o enderêço e eu o meu, e combinamos almoçar juntos. Depois do almôço, ambos iríamos ao editor.

Foi o que realmente fizemos. O editor olhou espantado para o livro. Fiquei até a pensar com meus botões, porque se espantar tanto com uma coisa de tão pouca importância!

Quando disse o preço que custaria a edição, e paguei-a alí, em

dinheiro, o espanto, então, foi maior. Passou-me um recibo, que entreguei ao jovem, e disse-lhe alto:

— Depois publique aquêle seu outro livro que ainda é melhor que êste...

— Qual? — perguntou-me esvaindo-se...

— "Miragens"... Êsse é um dos seus bons livros. É o melhor daqueles três que me mostrou!...

O rapaz, o pobre Franz, engoliu em sêco. Na porta não se continha mais, e perguntou-me:

— Mas senhor... não tenho mais nenhum livro.

— Você não o tem, mas tenho-o eu. Vou-lhe deixar uns dez, e publicaremos todos. Desde que retire o meu capital, estou satisfeito. Você o mandará para a minha terra e o resto ficará para você. Agora mande umas poesias à sua "gretchen" e depois, à noite, vá visitá-la. Garan-

to-lhe que o receberá doutra maneira...

O rapaz fêz o que eu lhe dissera, e no dia seguinte, quando o encontrei, estava radiante. Disse-me que dançara quase tôda a noite com ela. Disse-me até que, no baile, ela havia recitado uns versos dêle e que haviam agradado muito...

Agradeci a Simas Laramie, naquele instante. Mandei-lhe de volta o sorriso de agradecimento do bom rapaz. E afagando as minhas libras que estavam no bôlso das calças, chamei-as, imagina, de boas "ninfas"...

Percorri depois a Alemanha. Estive em Leipzig, onde contratei várias traduções e editei alguns livros, inclusive os do jovem Franz.

Quatro anos depois de haver viajado grande parte da Europa, voltei a Heidelberg. Procurei Franz. Disseram-me que há muito se mudara

para Leipzig. Soube que os livros dêle haviam obtido grande sucesso. Haviam esgotado as edições e anunciava agora outro livro "Hamadríades"... e que havia casado com a antiga namorada. Um ex-companheiro de Universidade de Franz, que me foi apresentado, relatou-me os elogios da crítica. Na opinião dos colegas, naquela noite da gargalhada geral, em que Franz havia derramado a cerveja, o choque traumático psicológico, que sofrera, fizera-lhe despertar a veia poética. Um professor de psicologia de Heidelberg escrevera até uma monografia, aproveitando-se da sugestão do caso, que, segundo me disseram, intitulava-se "A influência do ridículo na realização estética", uma obra em três ou quatro volumes, não sei.

Não me contive, fui a Leipzig.

*

Fui a Leipzig. Não me foi difícil obter, na editôra de Franz, o endereço dêste.

Na tarde do mesmo dia em que cheguei, mandei-lhe um cartão avisando-o de minha visita no dia seguinte.

De manhã, às nove, dirigi-me à casa de Franz. Era uma dessas típicas moradias alemãs, sóbria, modesta, de um gôsto tìpicamente germânico.

Não demoraram em me atender. Franz recebeu-me, abriu-me os braços e logo após me apresentou a criatura que conquistara com os versos de Simas Laramie, um pedaço de mulher musculosa, ruiva, olhos excessivamente azuis e braços demasiadamente roliços, pele exageradamente branca, que me impressionaram. Apertei-lhe a mão descomunal. Elfrida tinha uma voz de contralto. Altíssima.

Retumbava pela sala. Cheguei a odiar Simas Laramie pelos seus versos e a mim por ter ido meter-me em Heidelberg. Mas estava alí para terminar o meu papel de anjo Gabriel. Encantadíssimo, aceitei as amabilidades.

Estás curioso em saber como Franz me apresentou a sua gentil Elfrida. Pois também estava curioso de ver a sua maneira. E entre outras palavras pronunciou estas:

— Herr Collins é um amigo que conheci há alguns anos em Heidelberg. Nessa época já escrevia meus versos e os guardava sem ânimo de mostrá-los. Era demasiadamente modesto. Numa noite, ofendido por um grupo de estudantes, encontrei-o por acaso, na rua... (Vê que maroto! Punha-me na situação de mero cão vadio que percorre as ruas, à noite. Mas deixa-me continuar!) Naquela noite pre-

cisava de um confidente. Herr Collins veio a calhar, como caído do céu... (Realmente eu caíra do céu). Convidei-o a um bar... (Nem êsse direito o maroto me deixou). E aí contei-lhe as minhas torturas, as minhas angústias. Herr Collins teimou em querer ler meus versos... (Êle já os chamava "meus"). A custo cedi. Herr Collins ficou encantado. Não foi, Herr Collins?...

— Foi... terias dito. Pois: — Foi — disse. E êle prosseguiu:

— Herr Collins, então, teceu uma série de comentários...

— Elogiosíssimos... entusiásticos... animadores...

— É isso... é isso...

Cabia também o direito de mentir a um bom inglês de minha têmpera.

Franz parece que sentiu algo de irônico pois lhe tremeram as pálpebras.

(Mas a gentil Elfrida era tôda ouvidos, tôda olhos, tôda gordura para mim, extasiada em conhecer êsse espécime raro que houvera descoberto a veia poética do seu querido Franz). E êle prosseguiu:

— Foi daí que meus livros foram levados a um editor. E foram editados, graças a Herr Collins. Foi êle quem financiou a edição. Não é verdade, Herr Collins?

Aquilo ao menos era verdade. Confirmei com o mesmo entusiasmo das outras vêzes.

Franz prosseguia no mesmo diapasão:

— Mas paguei a Herr Collins o dinheiro que teve a bondade de me emprestar. Editei outros livros, graças ao seu esfôrço e à sua colaboração... Paguei todos, não é verdade, Herr Collins?

— É verdade...

— Não posso deixar de reconhe-

cer que devo à bondade de Herr Collins o meu sucesso. Seria um ingrato se o não reconhecesse. E, tanto assim, que meu último livro que breve vou publicar "Legenda de amanhã..." tem uma oferenda a Herr Collins.

Não me contive. Ergui-me. Estirei-lhe a mão, e disse-lhe mostrando-me comovido:

— Obrigado, Franz. Obrigado... Essa sua bondade jamais esquecerei. Ligarei meu modesto nome a uma das glórias da poesia alemã...

A gentil Elfrida estava encantada. Tinha lágrimas nos olhos. Estava comovida com a cena e eu profundamente impressionado!

Mas foi além. Estávamos no segundo prato do almôço e Franz continuava senhor da palavra:

— Neste último livro, que vou publicar, mudei um pouco a minha técnica. Meu livro tem algo de pro-

fético. Realmente sinto que algo de grandioso está reservado à Alemanha. É um canto alciônico ao amanhã... "Legenda do amanhã..." Será a corôa de glórias de minha carreira poética.

— Diga-me... — interrompi. — Êste não era aquêle livro em esbôço, que você tinha, "As vozes de amanhã..."?

— Sim... êsse mesmo. Mas algo modificado. Dei mais liberdade ao verso. Libertei-me um pouco das rimas e do ritmo. Mais wagneriano. Mais profundo. Mais meu, compreende, mais meu, dêste *meu* instante cheio de vida e de exaltação que vivo, compreende, Herr Collins?

Eu compreendia. O livro de Simas Laramie mudara de título de "Vozes de amanhã" para "A legenda de amanhã". E, certamente, Franz estropiara alguns versos. Nada mais...

Ao sair, depois de me haver despedido de Elfrida, cheguei-me junto a Franz, e disse-lhe:

— Está contente agora?

— Sim, Her Collins. Nunca me esquecerei de seu obséquio publicando os meus livros. Ser-lhe-ei imensamente grato. Que seria do meu talento se não o houvesse conhecido? Talvez, quanto tempo, meus livros vegetariam na sombra...

Meu pobre anjo Gabriel perdera, indiscutìvelmente, uma das asas.

A VOLTA

Daí, voltei para a Inglaterra.

Simas continuava trabalhando febrilmente.

Lançávamos livros em várias partes do mundo.

Prometera a mim mesmo seguir para a Espanha. Minhas obras estavam sendo traduzidas para o espanhol por Don José Avila y Cerdá, personalidade estranha, que Simas Laramie havia descoberto por entre a multidão de intelectuais londrinos.

Desnecessário dizer-te que as minhas libras haviam preparado uma ardente homenagem improvisada

dos meus admiradores. Fui recebido com flôres. Houve até o discurso de um parlamentar. Um rápido discurso, incisivo, enérgico, político. Aproveitou-se do tema Collins para explorar sua próxima candidatura a novas eleições. Favorecer a arte era o seu programa. "A Inglaterra tem sido grande não só por seus santos (sic), não só por seus soldados, não só por seus homens públicos, não só por seus banqueiros, mas, também, por seus artistas", e acabou comparando-me com Shakespeare e Dickens. Simas assistia a tudo. Sorria profundamente irônico.

Ninguem lhe dava a menor importância. Foi até um dos últimos que me abraçou à chegada. E assim mesmo foi um abraço tão meteórico, que nem tive tempo de lhe dizer nada. Segui na carruagem ao lado de Sir Beansconfield, primeiro minis-

tro inglês, (como serias feliz se isso te sucedesse) e sir Gladstone. Alegrava-me em parte, mas em parte aborrecia-me, porque me interrogavam sôbre o movimento intelectual da Alemanha, da França, da Bélgica. Quase nada disso eu entendia. Mas desviava-me bem, declarando que em breves dias faria um relato das minhas viagens e apreciações sôbre o movimento das escolas literárias naqueles países.

Simas escreveu-o dois dias depois, e o "Times" o publicou.

Eu odiava as rendas exageradas que recebia. As minas de diamantes da África do Sul e as de ouro das Américas continuavam produzindo. O dinheiro vinha-me a rodo e não sabia como gastá-lo. Propalava-se até, nos bastidores da alta política, que seria um dos candidatos a ministro. Vieram consultar-me diversos políticos. Todos me procuravam

levar para o seu lado. Alegava sempre os meus afazeres intelectuais que não me davam o tempo necessário para empregá-lo em política, e disse esta frase de Simas: "Eu julgava que cumpria o meu dever de bom inglês desenvolvendo a literatura, elevando o nome da Inglaterra tão alto, quanto os seus políticos elevavam as suas idéias, e os seus militares as suas bandeiras".

Essa tirada da mais "baixa eloqüência" arrefeceu-os um pouco, porque me deixaram em paz. Assim, aborrecia-me britânicamente. Fui convidado nessa ocasião a diversas noitadas de arte. A coisa mais sensaborona que já vi.

Poetas, músicos, mulheres intelectuais (nada, juro-te, mais intolerável que certas mulheres intelectuais) cercavam-me pedindo opiniões, pontos de vista, pensamentos. Era forçado, quando saía de casa,

a levar de memória três, quatro e até mais pensamentos, poemas de cor que Simas me fazia, para os álbuns das admiradoras. Era um inferno aquilo!

Muitas vêzes me via forçado a improvisar. E creias não me saía mal. Os pensamentos são a minha verdadeira e única obra. Era o ambiente, dirias. Sei lá se era o ambiente, se era o convívio de Simas e dos outros, se era a situação de raiva e de aborrecimento que me fazia pensar, mas, na verdade, eu produzia alguma coisa que julgava sofrível, e que os que me cercavam elogiavam com arroubos e grandes gestos.

Simas, acredita, não comparecia a essas festas. À proporção dos êxitos que se somavam, êle aumentava a sua capacidade de trabalho. Aquilo me preocupava, porque, entrava, às vêzes, alta hora da noite em casa, e o encontrava ainda entregue a um

estudo, a escrever alguma coisa. O homem era incansável, assombroso, mas envelhecia! Admirava-me que se tornasse tão cumpridor de suas obrigações. E, com tôda a idiossincrasia de um bom e legítimo inglês, ia até êle, e muitas vêzes dizia-lhe:

— Vá dormir, Simas. Precisa descansar o corpo e o espírito. Lembre-se que precisa, amanhã, ou o mais tardar dentro de dois dias, entregar-me aquêle estudo sôbre a arte belga. Não posso deixar de publicá-lo. Veja a minha responsabilidade. Não estrague a sua saúde, assim.

Contenha-se, mas trabalhe!

Estás crente que por isso eu era feliz. Pois enganas-te. Tudo isto aumentava o meu aborrecimento. O sucesso que meu nome obtinha, o êxito dos meus livros, a crítica elogiosa que faziam de mim, talvez me enchesse de felicidade se fôssem

justas, se tivesse a convicção de que as merecia. Mas assistia a tudo aquilo como a um roubo praticado ao gênio de Simas Laramie. Não que isso me enchesse de sentimentalismos latinos!

Absolutamente não! Admirava as circunstâncias em face das próprias circunstâncias, mas tudo isto me servia de argumento à compreensão de que a vida não é argumento para ser vivida. Nada encontrava de interessante.

Era perfeitamente apócrifo. Isso pode deixar-nos alegres uns instantes, mas é uma alegria mascarada.

Foi por tudo isso, depois de dias e dias de aborrecimentos incalculáveis, que resolvi acabar com tudo. Era demais. No dia em que me resolvi, trouxeram-me a notícia de que Simas adoecera. Havia dois dias que não o via. Atacara-o uma pneumonia dupla.

Chamei os melhores médicos de Londres. Foi tudo inútil, Simas morreu pouco tempo depois.

Aquilo era o sinal. A comédia tinha de terminar. Tive vontade, juro-te, naquele instante, de ir à sala onde estava um grupo de amigos e proclamar, como outrora o fizera aquêle imperador romano: "Plaudite amici"!

A comédia havia terminado.

Com o corpo de Simas afastava-se da minha casa tôda a fantasmagoria do meu êxito.

Tinha, juro-te, um gôsto de sangue na bôca.

A morte de Simas lembra-me aquela manhã de sol em que morreu o pai de Marjorie. Não soube consolá-la porque uma atonia me dominara completamente os lábios. Diàriamente, ia até a mansão dos Hogdons, Sybil Sinclair estava sem-

pre ao lado de Marjorie. Andávamos os três juntos.

Ao meu silêncio, Sybil contrastava com uma verbosidade terna. Falava lento, mas tinha um calor nas palavras que mantinha a atenção de Marjorie.

Fui, assim, colocado automàticamente em segundo plano. Assim o julgava. Era, no entanto, o meu êrro. Marjorie ouvia Sinclair atenciosamente, mas era por mim que ela se interessava. Mas, eu estava cego. Não compreendia. E foi nessa época que cometi o maior êrro de minha vida, precisamente quando tudo se preparava para garantir-me a felicidade, cujo direito, julgava caber a cada um.

MORTE

A morte de Simas Laramie encheu-me da maior amargura. Vivia quase todo dia só, em casa, não atendendo a ninguém. Meu bom Fun (um cão que não conheceste) ficava silencioso, aos meus pés, afagando-os nesses dias frios. Profundas eram as minhas meditações e a sombra de meu corpo se projetava sôbre a parede na sala penumbrosa. Se fôra Richard faria poemas, se fôra Peters estabeleceria ligações de minha vida com aquela sombra. Eu temia até o pensamento. Fazia, naqueles instantes, esforços sobrehumanos para não pensar, para fugir à análise dos fatos passados.

A ausência de Simas Laramie começava a encher-me de profundas preocupações. Livrei-me daquele negócio que me aborrecia, perdendo, ao todo, umas dez mil libras. (Se amasse tanto o dinheiro como tu!) Mas para que mais dinheiro? Para quê? Adiantava-me ter mais dez mil libras, mais cem mil libras, mais um milhão? Não atingira tudo quanto desejara? Tinha a possibilidade de obter tôdas as coisas, mas não encontrara nelas a felicidade?

Quis interrogar a mim mesmo nessas noites silenciosas. Buscar razões profundas, recordar problemas que Peters pusera à minha frente.

Procurar soluções. Tudo isso me aborreceria como sempre.

Ùltimamente dera a Simas Laramie a minha morada de campo em Longville para onde êle se exilara, a fim de terminar os últimos trabalhos.

Havia proibido, depois de sua morte, que tocassem em qualquer coisa, e a casa ficou fechada.

Uma noite fui até lá sòzinho. Não quis que ninguém me acompanhasse.

A noite estava escura. Uma dessas noites negras de outono, um pouco fria. Como sabes essa minha vivenda ficava afastada da estrada real. O carro deixara-me à beira do atalho que levava até ela. Dissera ao cocheiro que me esperasse, embora eu demorasse a noite tôda.

Queria estar só.

Naquela noite pensei no suicídio. Não sei bem por que, mas um desejo de desaparecer, de me anular, dominava-me. Uma vontade de seguir, também, o mesmo destino frio e sombrio de Simas Laramie. Acostumara-me um pouco à glória que êle me dera. Eu tinha um nome, enquanto Simas, para sempre esqueci-

do, apodrecia numa cova. O meu renome era uma afronta à sua memória. Bastava-me sòmente a satisfação de que, ao menos, contribuíra para realizar o seu grande sonho de destruição da literatura. Simas dizia-me que a arte era uma fórmula passageira, transitória de manifestação das emoções humanas. Um meio têrmo entre a criminalidade e o bem. Odiava os artistas, como odiava os mestres de escolas superiores, que fazem de sua ciência uma arte obscura e misteriosa para dar-lhes mais valor.

Contava-me que, quando menino, sofrera grandes dificuldades nos estudos de matemática e que isso encantava o mestre que ria dos seus esforços. Nunca mais se esqueceu. Desejou um dia ser mestre para desmoralizar os mestres, proclamando que a sabedoria é simplesmente um equívoco e uma grande

mentira. Simas sempre me expôs essas suas razões, e eu as achei perfeitamente aceitáveis e dignas.

Mas, apesar disso, julgava uma indignidade deixar que seu nome ficasse esquecido numa lousa de cemitério. Alí estaria para sempre Simas Laramie. Mandei, até, pôr-lhe um epitáfio. Era assim: "Aqui jaz Simas Laramie, o homem que pôde ter tôdas as glórias e desprezou-as, porque desprezou até o desprêzo."

Pelo caminho ruminava uma série de sinistros pensamentos.

Afinal, olhando bem para tôdas as coisas da vida, não encontrara até ali nada de perdurável nem de definitivo. As alegrias esvaíam-se sem me fazer sequer sorrir e repugnavam-me todos aquêles prazeres que aos outros eram fontes inesgotáveis de gôzo. "Quem sou eu, afinal?"

Simas me dizia que, nestes últimos anos, os homens interrogavam

mais. Perdera-se a fé, dizia-me êle. A ciência é uma esperança muito fugidia. O progresso anima sòmente os homens vulgares e os medíocres, que ainda crêem nêle.

"Partimos para uma fase humana sombria, terrìvelmente agitada. Tôda essa destruição das crenças não poderá deixar de trazer, como conseqüência, um grande cansaço do homem. É o que sucede consigo, mr. Collins. O sr. é um homem fim-de-século, que tem consciência do cansaço. A natureza escolheu-o para, dadas circunstâncias de sua formação ancestral, sedimentar tôda a fadiga de vinte séculos de lutas religiosas, filosóficas, morais, econômicas e políticas. Vencer o seu cansaço seria o maior dos heroísmos... E o sr. poderá fazer isso, mr. Collins?"

Estava convencido que não. Convencido porque sentia que não!

E as nossas convicções são sentimentos, e nada mais, que a razão se apropria e dá-lhes outros nomes.

*

Estava já em frente à casa. Procurei no bôlso a chave da porta. Procurei noutro em seguida, porque não a achei. Um estremecimento nervoso percorreu-me o corpo. Olhei para os lados. Fitei a luz avermelhada de um astro, num céu escuro da raras estrêlas.

O frio da noite era úmido. Procurei com mais rapidez, em todos os bolsos, a chave. Perturbou-me aquilo. Parecia-me que alguém me aconselhava a não entrar. Era a umidade da noite, as trevas, o meu embaraço em não encontrar a chave, que me segredavam essas palavras absurdas. Sorri para mim mesmo e assobiei para me dar mais coragem. Lembrei-me das histórias que

corriam pela redondeza de que a casa era assombrada. Irritei-me outra vez. Reagi às palavras correntes, apostrofando a estupidez de alguns lacaios que à noite temiam penetrar em certas peças da casa. "Assombrada nada, súcia de covardes!" Foi com alívio que encontrei a chave. Apertei-a com raiva. Mas aquilo me animou. Minha mão estava úmida de suor. Eu acompanhava uma a uma as minhas reações. Levei a chave à fechadura, torci-a, e ringiu um pouco. Estremeci ao sentir o hálito frio que vinha de dentro e tive vontade de chamar pelo cocheiro. Seria melhor. Levei o apito até a bôca, mas me contive. Se um homem que pensa no suicídio tem mêdo, não é um homem. Aleguei isso para mim com o máximo desprêzo. Que poderia temer se não temia a morte? Êsses pensamentos não me animaram mais, mas con-

venciam a minha razão vacilante. Por isso empurrei a porta com fôrça. Um ar de môfo, viciado, vinha de dentro. Abotoei o casaco até a gola.

Porque entrei com a perna direita não sei. Mas o fato é que tive consciência dêsse impulso. Acendi um fósforo, mas a luz amarelada apagou-se logo. Caíra ao chão a cabeça ainda avermelhada do fogo que eu acompanhava com os olhos fitos, enquanto buscava com os dedos outro fósforo. Finalmente acendi outro. Uma língua de luz fraca lambeu as paredes. Caminhei pelo "hall" cuidadosamente para não tropeçar em alguma coisa. Não havia nenhuma vela. Isso me irritou. Acusei ferozmente os meus lacaios que já não eram como os de antigamente. O fósforo apagara-se, e as trevas estavam outra vez à minha volta, cercando-me. Acendi outro.

Abri a porta que dava para a sala maior. Ela rangeu no silêncio úmido e mofado da casa. Isso me fêz estremecer. Um jacto de vento frio apagou-me o fósforo. Parecia propositado. Deveria ter trazido uma vela, e acusava-me da falta de providência. Segui para a biblioteca. Acendi outro fósforo. Dei uns passos à frente. Um arrepio perpassou por todo o meu corpo. Estaquei. Uma cabeça humana... alí... alí... no chão. O fósforo já se apagara. Meus olhos deviam estar descomunalmente arregalados, porque chegavam a doer-me. Fazia esforços para me conter. Acendi um fósforo novamente. Fitei trêmulo a cabeça... Sorri, quase gargalhei, era um vaso caído que me dera aquela terrível imagem. Nesse instante, rápido, passou pelos meus olhos um rato. Estacara de bôca aberta. Arrepiei-me todo. O fósforo chegou a

queimar-me os dedos. Ri-me mansamente, trêmulo! Levei a mão à caixa de fósforo e acendi outro. Na mesa estava um candelabro. Cheguei-me a êle. Acendi uma, duas, três velas... A sala agora estava clara.

Uma perfeita desordem em tudo. Vira-se que Simas passara por alí...

Podia chamar o cocheiro. Eu vencera o mêdo.

Fui até à porta e trilei o apito. As passadas rítmicas dos cavalos penetravam pela noite.

Finalmente veio até à porta da casa. Disse-lhe que podia entrar e ficar no "hall' para se resguardar da noite fria. E entrei novamente.

Volvi à biblioteca. Remexi as gavetas da mesa onde Simas escrevia.

Havia, ali, muitos manuscritos inacabados. Trechos esparsos ainda não classificados. Recortes de notí-

cias de jornais e revistas... Havia umas fotografias antigas, também. Levei-as até a luz. Era de uma mulher e de uma criança. No verso tinha um nome. "Dotti e Eleanor oferecem a papai..." E uma data... Sua mulher e sua filha, certamente. Isso me compungiu. Simas era viúvo. Nunca me dissera, pois pouco falava de si. Pus de lado reverentemente as fotografias. Continuei remexendo os papéis. Sentia, assim, uma espécie de profanação de uma vida que não me cabia o direito de devassar, mas a noite permitiria tudo. E a impunidade me animava. Simas estava morto. Alguém deveria mexer naqueles papéis, alguém teria de mexer nêles.

Eu, mais que ninguém, tinha êsse direito. Fui ao quarto ao lado, onde Simas morrera. A cama estava feita. Um odor acre de remédio. Fui ao armário e retirei as malas. Trou-

xe-as para a biblioteca e pus-me a enchê-las com os papéis de Simas Laramie.

Enchi a primeira mala e enchi a segunda. Dum monte de papéis que tirava de uma gaveta, caíu um envelope. Estava fechado. Segurei-o. Levei-o até a luz. Tinha êste subscrito: "Para ser aberto depois de minha morte".

E uma assinatura: Simas Laramie. Ali estava o segrêdo de Simas Laramie.

Não me contive e furiosamente rasguei o envelope, e li...

CONFISSÕES DE SIMAS LARAMIE

Era a letra de Simas Laramie. Poucas páginas, numa letra cerrada, cuidadosamente feita. Concluí logo que houvera copiado, pois não tinha uma emenda.

Começava com essas palavras misteriosas:

"Homem, ou não homem, que lês esta carta.

Eis o testamento de um simples "homo sapiens", que teve consciência de sua pequenez e que jamais se orgulhou de seu título vaidoso.

Fui gerado como os outros homens. Não conheci meu pai nem conheci minha mãe. Quando comecei a tomar consciência de mim mesmo, minha mãe já estava morta e meu pai desaparecera no mar.

Fui educado por um pastor protestante que me deu o gôsto da leitura, e, desde cedo, embriaguei-me na análise da obra escrita dos homens. Jovem ainda, tive de procurar trabalho, porque acreditei na libertdade e busquei a liberdade, abandonando aquêle que me criara. Conheci tôdas as escalas da miséria, todos

os opróbios, tudo quanto à minha espécie é permitido sofrer.

Se fôsse contar a minha vida milhões de páginas seriam necessárias. Vivi a vida de milhões da minha era, a mesma vida, alimentada de esperanças.

Casei-me. Um ano depois nasceu uma criança.

Seria um bem-estar para mim se isso perdurasse. Mas fiquei novamente só porque o destino não quis que fôsse acompanhado.

Assim tive de observar os homens para aliviar as minhas penas, e dessa observação nasceu a minha crença na destruição do "homo sapiens".

Não creio no progresso de nossa espécie, enquanto ela fôr como é. Os homens tudo fazem para conservar os mais fracos, os mais torpes, e os fortes, os que poderiam forçar o avanço da espécie, estiolam-se nas

lutas, porque tomam a frente das batalhas.

Tenho, assim, a consciência de um fim e vivo êsse fim!... Eu sou, talvez, o único que tem consciência dêsse fim.

Talvez tenha sido eu o único homem que chegou à conclusão de que a inteligência é a maior "blague" do homem. Verdadeiro autômato mental, raciocina por tautologias, por preconceitos estabelecidos sem prévio exame, por axiomas que necessitariam de longas demonstrações, por postulados preconcebidos. Inteligência significaria leveza, versatilidade, apreciação tênue, diversa, móvel. Tudo isso é precisamente o que o homem não tem.

Assim me convenci do fracasso da inteligência humana. E, sobretudo, me convenci ante o alarde que os homens faziam em tôrno dos seus livros e das suas idéias.

Escrevi centenas de livros tão-sòmente com o intuito de provar que escrever é a coisa mais simples, quando se nasce para escrever. A facilidade que possuia serviria para que eu, se quisesse, escrever uma dúzia de grandes livros. Mas que iria fazer senão repetir eternamente o que antes de mim já haviam dito, se já me convencera de que a nossa espécie se achava esgotada e colocada num beco sem saída? Escrevi, assim, de tudo, para desmoralizar de uma vez por tôdas essa arte superior, que é uma grande mentira. Wagner escrevera a música wagneriana, porque outra não poderia escrever. Rafael pintou o que podia pintar, e o fazia com tôda a naturalidade. Grande só seria aquêle que vencesse a sua pequenez, que vencesse os seus limites.

Se reduzirmos a filosofia e a literatura ao verdadeiro sentido, ar-

rancando-lhes o que puseram de adôrno, pouco resta.

Repito, grande só será o homem que ultrapassar o próprio homem.

Dentro do homem não há grandezas.

Eu denuncio o homem: É um tolo que fêz de sua tolice um meio de emoção, e por isso chama à tolice obra-de-arte.

E à ignorância chamou ciência, porque ela permitiu que não visse mais a sua ignorância.

A análise do momento humano que vivo, e que nestes últimos vinte anos me tem enchido a vida de amargura, me deu, finalmente, os pontos de vista que esposo. Tôda a justificação que faço nessa meia dúzia de páginas é simplesmente para que fique provado, quando a espécie humana do "homo sapiens" fôr substituída por outra, que essa nova saiba que houve, ao menos, um

homem que compreendeu o fim de sua espécie...

E fui êsse homem. E o justifico:

Assisto neste momento a depreciação do homem. Essa espécie marcha para uma artificialização crescente. Uma grande fadiga pesa sôbre a Europa, essa mesma fadiga que na Ásia já domina há milênios, essa mesma fadiga que tenta invadir as Américas.

Talvez o novo homem venha dessas Américas, onde ainda não se esgotaram tôdas as possibilidades humanas. Mas êsse homem, para vencer, nunca deverá ser a cópia do "homo sapiens"...

O homem segrega-se. Um grande processo patológico perdura sôbre o seu desenvolvimento. A falta de sentido e de destino nos desejos humanos é um sinal para mim, embora os homens proclamem seus desejos e seus fins. Neste fim de sécu-

lo eu assisto a êsse instante em que o homem conhece a sua grande decepção. Eu vejo nos próximos séculos sombras, mais sombras que luz. Derrotas, mais derrotas que vitórias.

Assisto a um novo fatalismo em marcha. Mais um século de determinismo e seremos iguais aos fatalistas do Oriente. Tôdas as manifestações búdicas do Nirvana menos compreensível avançam, crescem. A Ásia, mais uma vez, ameaça conquistar a Europa. E, desta vez, ela invade através de idéias, através de atitudes. Êsse o grande perigo para o bem da espécie humana, pois a minha maior amargura é verificar que precisamente nada se tem feito, na verdade, em benefício dela, e marchamos para uma depressão do valor do homem em vez de superá-lo. Perdemos a dignidade de nós mesmos. Inventamos valôres falsos, na ausência de verdadeiros valôres.

O homem desperdiçou suas fôrças. Até a nossa alma estamos gastando, até o nosso gôsto. Assisto, neste momento, a mais flagrante falta de gôsto a que, em tempo algum, jamais assistiu a história. O homem é um animal que degenera...

Marchamos para uma acentuada política de grupos cada vez maiores. Procuramos a nivelação dos homens por baixo, pelo malôgro de uma conquista de maiores posições. Temos de reconhecer que as vitórias são limitadas. Nossa ciência não nos oferece nada de melhor do que ofereceram as crenças antigas.

Ninguém é mais feliz por falar em psíque, do que quando falava em alma. Essa grande mentira só nos poderá oferecer um século próximo de grandes decepções.

E marchamos, por isso, para a grande destruição! Porque o homem fatigado de suas crenças, de suas

mentiras novas e de suas mentiras antigas, derrubará todo o edifício de sua ciência, de sua arte, de seu gôsto e de sua moral. Minha obra é destrutiva. Eu ajunto lenha à fogueira.

Quero destruir essa arte, porque ela é uma grande mentira. É preciso que alguém denuncie o mágico que na ribalta faz proezas descomunais.

É subindo à ribalta e fazendo o mesmo, com a mesma facilidade, e com a superioridade de não ser mágico.

Foi o que eu quis fazer.

Não sou mágico, senhores... mas faço mágicas!...

O malôgro da razão determinou essa descrença, porque ela fôra feita para regular um mundo fictício. Uma maldição repousa sôbre a vida. Essa maldição está em todos

os rostos! A descrença dêste século, dêste fim de século, é essa maldição.

Nós somos pessimistas!...

Eu proclamo por isso a catástrofe. Eu sou o São João Batista da Catástrofe!"

A carta terminava aí, e não havia nada mais. Quando terminei de ler, uma passividade apossou-se de todo o meu corpo. Difícil dizer-te tudo quanto senti durante as duas horas que estive naquela casa. Duas horas, pois quando cheguei eram dez horas e já passava de meia-noite quando resolvi sair. Simas Laramie havia descrito em suas poucas palavras o que eu sentia. Êle sabia, e eu sentia. Era essa a nossa diferença. Eu tenho em mim, convenci-me, a sensibilidade de tudo aquilo que Simas Laramie houvera compreendido.

Até então tudo fôra em mim uma vaga sensação de cansaço. Definin-

do-se, Simas Laramie me definira. Eu era êsse cansaço de fim de século. Eu era um pessimista. Em mim se fundira todo o pessimismo e todo o cansaço de uma geração apócrifa.

Passei fechado em casa vários dias. A névoa que cobria Londres correspondia perfeitamente ao meu estado de alma. Aborrecia-me terrìvelmente, porque era obrigado a meditar. A relatividade dos conhecimentos, o desprestígio que a razão estava tendo para mim, a minha convicção do malôgro de tôdas as experiências e de tôdas as promessas que os homens ainda admiravam, acalentavam, amavam, tornava-me cada dia mais tràgicamente solitário. Sempre fôra um candidato à solidão. Lembras, quando menino, como gostava de brincar sòzinho no campo, por entre as árvores, nos pátios, longe dos ami-

gos? Vocês me chamavam de "mocho", e riam-se de mim.

Não me enfurecia, por isso. Orgulhava-me de ser só, de poder encontrar em mim motivos para longas meditações. Mas o meu aborrecimento, essa facilidade que tinha de me cansar de tudo, era o meu pavor, minha tortura e a minha filosofia. E se às vêzes procurava os outros era na esperança sempre inútil de que os outros tivessem alguma coisa para me oferecer. Mas tudo era sempre o mesmo. Não encontrava em coisa alguma a alegria que me prometiam. Fui sempre um homem em luta com a realidade. Sempre odiei a realidade e, no entanto, não era capaz de criar. Era como todos nós, neste século. Destruimos, destruimos tudo, tudo arrasamos, idéias, princípios, religiões, filosofias, ciências, e que construímos em troca disso tudo senão uma

fantamagórica experiência que soma enganos e mentiras? Eu sentia isso. E quando compreendi Simas Laramie, essa alma irmã da minha, apreendi disso tudo um trágico conhecimento.

Êle, por isso, foi tão trágico quanto eu. Um trágico do conhecimento, que viu no homem uma escala em decadência, e eu o trágico da sensibilidade, que sentiu e sofreu essa decadência.

Terrível a decepção da ciência para nós. Destruiu tudo o que antes havíamos alimentado, amado, acalentado. E agora nos deixa a realidade dêste século que vai entrar, realidade que só oferece esperanças aos eternos fariseus de tôdas as eras.

Essa quantidade de suicídios que se observa entre os intelectuais nestes últimos tempos é uma prova disso. Há um grande cansaço. Êsse cansaço só os sensibilizados podem

compreender, sentir, sofrer. Nunca, porém, amar. É o que se dá comigo. A destruição do indivíduo, hoje, é uma fatalidade. Não odeies, nem te arrepies, tu que és, para mim, como um dêsses fariseus — a destruição do homem. Não é a covardia que proclamas. Matar-se é ter consciência da grande derrota do homem, da derrota do que nêle havia de mais belo e mais grandioso, a sua dignidade.

Não afirmo, como Simas Laramie, que a nossa espécie esteja decadente e que seu fim esteja próximo. Simas algumas vêzes me falou num cansaço biológico. Dizia-me que a própria matéria orgânica, — eram essas mais ou menos as suas palavras, — conhecia a fadiga, e que o homem fisiològicamente encontraria, em breve, certas restrições físicas que o tornariam apto ao desaparecimento, como já sucedeu com

outras espécies. Mas isso êle próprio aceitava que só se processaria depois de muitos milênios. Não é, portanto, o caso da nossa espécie. O que me leva ao suicídio é a convicção da inutilidade de minha vida.

Essa inutilidade não justificava, em absoluto o prosseguimento. Tu poderias dizer que eu, se vivesse, poderia empregar minha fortuna em obras de caridade, altruístas, que seriam utilíssimas. Mas precisamente isso só viria perpetuar a vida dessa espécie decadente de homens que é preciso destruir. Tive, não nego, interêsse, vontade até de empregar tudo quanto tinha, e o meu tempo, em obras úteis aos homens.

Mas isso não impediria que prosseguisse aborrecendo-me. Resolvi, assim, dispor da minha fortuna de uma maneira útil aos meus semelhantes, mas reservei a mim mesmo o direito de dispor da minha vida

da qual me julgo com o direito de destruir, tanto assim que a destruirei com a maior naturalidade e plena consciência do que estou fazendo.

Talvez sintas uma sensação esquisita de me ouvires falar na minha morte, quando ainda estava vivo, quando te escrevi estas linhas. Pois os fatos que sucederam depois, tornaram ainda mais firme e mais decisiva a minha resolução.

Cansado de procurar alegrias com o meu dinheiro, cansado de encontrar um argumento para a minha vida com o meu dinheiro, experimentei encontrar êsse argumento sem o meu dinheiro. E foi assim que vivi essa estranha experiência que te passo a relatar.

*

Preciso fazer uma pausa. Canso-me do meu cansaço. Há tantas recordações... Chesterville... Mar-

jorie... As atenções de Sinclair para Marjorie e a simpatia que esta lhe devotava, faziam-me sofrer. Não podia tolerar que eu fôsse ali o espectador de uma cena que me humilhava profundamente. Num daqueles dias, quando passeava com Marjorie pelo campo, ela convidou-me a descansar à sombra de uma árvore. Acedi.

Sentei-me ao lado dela. E entre nós houve êste diálogo:

— Estás sempre triste e calado, Bob, por quê?

— É o meu feitio.

— Também tratas tão rìspidamente o primo Sinclair...

Lembro-me de que apertei as mãos para conter-me. E de meus lábios saíram apenas estas palavras:

— Marjorie, quero dizer-te uma coisa: amanhã partirei para Dover, e de lá para a França. Daí seguirei para a Alemanha. Talvez não volte

mais, talvez fique para sempre fora da ilha.

— Mas, por que, Bob?

— Assim o decidi. — E inesperadamente para mim próprio, acrescentei: — Espero que me participes a data de teu casamento com Sinclair. — Levantei-me e estirei imediatamente a mão para ela. — Adeus. Sê feliz. Marjorie.

Virei-me rápida e apressadamente, e, sem ouvir os chamados de Marjorie, dirigi-me para o carro, fustiguei os cavalos e segui para casa, onde mandei arrumar as malas para a viagem que haveria de abrir um hiato no caminho de minha vida e que foi a mais louca das resoluções que eu poderia tomar.

Um gesto de Marjorie talvez me salvasse. E naquela noite recebi um recado. Era dela. Para que recordar?

A FELICIDADE

A noite não estava fria. Era prenúncio de grandes chuvas que terminariam em nevascas. Não me continha mais em casa, onde me sufocava.

Uma ansiedade de sair para a rua, percorrer trechos quase esquecidos de Londres. Fugir, em suma, de tudo aquilo que até ali formara parte do meu quotidiano.

Embrenhar-me pelas ruas sombrias às margens do Tamisa, onde existem êsses bairros pestilentos e úmidos, impunha-se em mim como uma vontade incoercível. Tinha um desejo masoquista de torturar-me. Cansava-me da placidez macia e morna de minha casa, a servilidade asquerosa dos criados que procuravam, fazendo prodígios que me irritavam, oferecer-me tudo quanto de leve pudesse desejar.

Conhecera tudo quanto desejara, o que me criava insatisfações. Sim, uma espécie de insatisfação de ter tudo. Minha imaginação não ia longe para desejar alguma coisa de impossível. Fazia esforços, às vêzes, para dar curso à minha fantasia, para criar, assim, um desejo impossível, para dêle fazer o meu ideal. Seguiria em parte um conselho de Simas Laramie.

Ter desejos impossíveis, voar, sair da terra, ir pelos espaços, conhecer planêtas. Mas todos êsses objetivos eram tão artificiais, tão falsos que ria de minha incapacidade de criar. Não era assim um ser inteligente segundo a concepção da inteligência defendida por Simas. Mas julguei que não poderia encontrar uma confiança nos meus desejos, simplesmente porque eu forjava desejos impossíveis. Deveria tê-los mais naturais, mais simples, mais

possìvelmente verdadeiros. Que mais desejaria porém? Ter uma espôsa e um filho. Isso me arrancava um gesto de desdém.

Ser um chefe político? Mas isso me repugnava. Ser célebre? Mas já não o era? Fazer o bem... Mas isso era o que experimentara com Jarvis, o asceta.... Ninguém me ensinara até ali o meio de encontrar uma solução útil e cabal de minha vida, que não fôsse uma destruição de mim mesmo e não fizesse, quando muito, encontrar uma maneira que me oferecesse alguns momentos mais agradáveis do que os aborrecidos que conhecia.

Vagava, assim, pelas ruas. Tomei um "cab" que me levasse longe de casa. Deixou-me numa dessas ruas tortuosas e úmidas dos bairros do pôrto. Alí existia a miséria, esta miséria que os poetas cantavam, e pela qual homens de valor erguiam suas

vozes e propunham reformas sociais e revoluções.

Entrara num daqueles bares esconsos e sombrios. Minha presença parece que não provocou nenhum interêsse, pois ninguém me prestava atenção.

Eu me vestira com a maior simplicidade. Era essa aliás umas das minhas qualidades chamadas pelos amigos de liberais e muitos me acusavam de, por meio delas, desejar conquistar popularidade. Precisamente, tu bem o sabes, sempre fui simples. Estava de prêto, e meu rosto deveria estar muito triste. Sentia que nêle se modelava a tristeza, porque a sentia como se pesasse sôbre a face, como se amassasse as maçãs do rosto, como se descesse pelos maxilares que pareciam pesar...

Se risse? Uma vontade de ser contraditório para comigo mesmo.

Não riam os marinheiros ruidosamente nas mesas ao lado? Não riam umas mulheres desdentadas num canto à volta de um homem gordo? Poderia eu rir, também.

Mas rir por quê? Estava entre homens. E entre os homens não podemos rir sem motivo... Um desejo de reagir contra essa determinação dos costumes e das atitudes humanas me fêz dar boas gargalhadas sòzinho, forçadas, embora, mas ruidosas e desenfreadas. Todos volveram para mim. O riso dos marinheiros estatelou-se nos rostos. O riso das mulheres desaparecia. Todos se admiravam porque eu ria. Mas não riam êles, também? Mas êles tinham um motivo para rir. Riam com o testemunho dos seus comensais. Eu não. Eu ria sòzinho. Sem um motivo plausível nem normal. O espanto dos olhares excitou-me. Não me contive e pus-me a gargalhar cada

vez mais. Gargalhar sem fim. Julgar-me-iam louco. Que importa!

Dizia para mim mesmo: que me julguem louco! Sou louco, riam comigo que quero rir, quero rir de minha loucura, quero rir de minha tristeza, quero rir de tôda a seriedade imbecil de meus gestos e de minhas atitudes. Quero rir do meu riso, de minha derrota emocional, rir do vosso riso e do vosso espanto, rir de vossa admiração, rir do riso de quem ri da minha falta de alegria justificada.

— Riam comigo, todos, a uma. E bebam à minha saúde e à minha custa. Deixai-me rir, companheiros, deixai-me rir. Tenho sobejos motivos para rir, rir, sem fim, rir sem limites, rir sem pena do meu riso... Ah! ah!... ah!... Garção ponha bebida para todos. Pago tôdas as despezas, quero que todos estejam alegres, hoje. Hoje é o dia da minha

alegria, é o dia da minha felicidade... — E erguia os braços, arrancava gargalhadas ruidosas e terríveis. Ardia-me o rosto. Estremecia como um louco, epilèticamente rindo. Todos riam agora, forçadamente, garanto-te, mas riam! Tirei do bôlso uma nota de dez libras e atirei-a ao garção: — Eis a minha fortuna, mas merece as vossas bebidas. Riam, companheiros, como eu... — E eu ria desesperadamente, e êles riam comigo, como se temessem, como se estivessem ante um louco. A bebida jorrava pela mesa. Minhas libras estavam produzindo gargalhadas. Minhas libras eram gargalhadas. Ah! se eu pudesse transformar tôda a minha fortuna em gargalhadas, em gargalhadas sem fim...

— Riam e cantem, companheiros. Eu sou feliz. Tenho direito de ser feliz!...

Neste momento senti que me puxavam pelo braço. Não liguei. Mas a insistência com que o faziam forçou-me a volver a cabeça.

Era um homenzinho já envelhecido. Todos voltavam para as suas mesas. O garção servia-os por minha conta.

— Larga-me, deixa rir, também. Ou ri, então, comigo...

Êle levou o dedo indicador à bôca e assoprava:

— Psiu!... — Fiz um olhar interrogativo e um gesto de espanto. Mas êle prosseguiu sem largar a manga do meu casaco: — Psiu!... Não ria... Não ria... Ouça-me, por favor, ouça-me...

E por que não ouvi-lo! Àquela noite ouviria fôsse o que fôsse. Àquela noite não haveria impossíveis. Iria além de mim mesmo se necessário.

Fui com o velhinho que me arrastava até a uma mesa do canto. Êle segredou-me:

—Psiu!... não ria... — e olhava para todos os lados... Fêz-me um sorriso tão manso, tão sereno, tão macio que senti ternura pelo pobre velho em andrajos. Êle viu nos meus olhos a bondade. E lento, disse-me:

— Deixe-me que me sente aqui ao seu lado. Mande-me pôr bebida também. Mas, por favor, não ria. Deixe que êles o façam... — e abaixava a cabeça branca até mim, íntimo. — Deixe que êles o façam. — Coitados, não sabem o perigo que há em rir. — Se soubessem... Você é bom, — diz que é feliz... Ouça: Não diga nunca que é feliz! E esconda o seu sorriso, para que ninguém o veja... — dizia-me o homenzinho pálido, de olhar alon-

gado e que possuía um lábio partido.

Seus olhos paravam sôbre mim e, curvado, continuava:

— Não conte a ninguém as suas alegrias! sabe? Não conte. A felicidade da gente, é só para a gente!... Ninguém deve conhecê-la, não!

— Mas por que dizes isso? — perguntei-lhe intrigado.

— Não diga a ninguém... que é feliz. Não diga. A gente tem de ser feliz baixinho... sabe.

Poucas vêzes em minha vida senti emoções mais profundas como naquela noite. Choraria se soubesse chorar. Não sei por que, mas naquele momento, tive vontade de abraçar aquêle velhinho. Preferi calar-me. Ocultei o rosto nas mãos. Meus olhos secos choravam.

O riso dos outros amortecera. O ruído do salão vinha até mim, num

rumor confuso e estranho. De olhos fechados, aquelas vozes surdas rumorejavam dentro de mim, como sons distantes que viessem cansados. Mundo, tu não perdoas a felicidade dos outros!...

Quase exclamei alto essas palavras. Tive, naquele momento, um desejo sôbre-humano de crer. Crer em alguma coisa, em Deus, para que pudesse erguer os olhos para o alto e pedir-lhe, sim, alguma coisa, não para mim, mas para aquêle velho.

Segurei o velhinho por um braço e disse-lhe enérgico:

— Vem comigo... Eras tu o homem que eu procurava... Vem!

MENDIGO

Êle acompanhou-me sem dizer uma palavra. O desejo de anular a minha personalidade, torturava-me. Levei-o comigo. Encontrei um "cab", e dei-lhe o meu enderêço.

— Vem comigo, meu velho. Conhecerás minha casa e saberás da minha felicidade...

Êle não reagiu. Nem uma palavra me disse. Obedeceu-me sòmente.

Quando cheguei, êle espantou-se. Mas fi-lo entrar.

Chamava-se Dan. Era um tipo de Apolo mumificado. Tinha dois olhos brilhantes. Dava a impressão de que eram dois olhos vivos, arrastando

um corpo morto. Contei-lhe longamente a minha vida. Ouviu-me sem interromper-me uma única vez. Os olhos continuavam brilhando estranhamente.

— Compreendi tudo, mr. Collins. Estou ante quem tem tudo para construir a felicidade. Precisamente por isso é infeliz. Nada disso forma a felicidade de ninguém. Não é a posse que nos faz feliz... É talvez a falta. Eu conheci a felicidade e, depois, conheci as maiores torturas... Considerei-me o homem mais desgraçado do mundo, sabe? Mendiguei... Mendiguei em Londres, Mr. Collins, onde ser-se mendigo é a última decadência, a última das decadências. Aqui não há portas que se abram. Aqui não há rostos abertos para um sorriso, nem mãos para uma esmola. É preciso ir às portas das igrejas esperar

aquêles que pedem a Deus, para pedir-lhes alguma coisa.

Êsse calor, êsse confôrto, isso tudo, para mim, seria mais que o céu, sabe? Mais que o céu. Mr. Collins, o sr. gastou-se ao gozar essa riqueza.

— Estás satisfeito, meu velho!... Bem o sabia. Terás uma cama quente. Alimento bastante. E, amanhã, começará para ti outro dia e outra vida. Não sentirás mais fome...

— Obrigado, mr. Collins...

— Meus criados te darão o de que necessitares. Farás a barba, tomarás um bom banho e dormirás, meu velho, até bem tarde... Estou com sono e, agora, quero deitar-me.

— Obrigado, mr. Collins.

Dan sorriu longamente. Depois chegando até mim, trêmulo, disse-me num tom que não conhecera ainda:

— Obrigado, mr. Collins. Quer me prometer a sua felicidade...

Agradeço-lhe tudo. É bondoso, sei. Mas é impossível aceitar. Estou velho. Nada mais espero da vida. Há muitos anos vivo assim, miserável, pedindo. Não sei fazer outra coisa, sabe. Sei implorar, rogando, que me dêem um pouco. Não tenho direito, mr. Collins, depois de vê-lo, de ser feliz sòzinho... Perdoe-me. Não mereço a sua felicidade. Deixe-me, deixe-me com a minha miséria. — E terno continuou: — Creia, sim, creia que sou feliz assim... sou, mr. Collins, acredite. Isso também é uma maneira de ser feliz. — E com lágrimas nos olhos — guarde, guarde, por favor, guarde a sua felicidade... deixe a minha. E não se esqueça, ouviu, não se esqueça, — seja feliz baixinho, sabe.

*

Desejava-te contar minha última aventura, mas não posso deixar de

reviver o que sucedeu comigo depois de minha partida da Inglaterra, após aquêle último encontro que tive com Marjorie. Realmente percorri a França, a Alemanha, Suíça, Noruega, Suécia, Dinamarca e Holanda. Voltei depois para a Inglaterra, antes de percorrer os Bálcãs como era o meu desejo. É que recebera a notícia do próximo casamento de Marjorie com Sinclair. Queria assistir àquele casamento. Era mais uma prova para mim. Queria assistir o último capítulo da minha paixão, que eu tão desgraçadamente não soubera levar a bom têrmo.

Assisti a cerimônia sem dirigir uma palavra a Marjorie. Quando fui abraçá-la, aproveitando-me de um rápido momento em que ela estava só, disse-lhe:

— Como lhe prometi, vim. Vim

para assistir a sua felicidade... e a confirmação da minha desgraça.

Marjorie não me respondeu.

Apertou-me convulsa a mão, e afastou-se de mim.

Dirigi-me para o vestíbulo. Pedi o chapéu e a bengala, e saí num passo altivo e lento.

Daquele instante em diante levava a morte dentro de mim.

Desde então começou a minha vida que te relatei, até que, um dia, numa festa, em Londres, encontrei Marjorie.

Mas deixa-me contar-te a minha última aventura.

Um dia, quando o desespêro de mim se apossava, resolvi um dia aceitar a proposta que Craig me fêz. Êle falou-me assim:

— Queixa-se de que a vida não lhe oferece nenhuma emoção interessante. Mas acaso já experimentou tôdas as emoções da vida? —

levantei os olhos para Craig, e bocejei. E êle continuou: — Experimentou tudo, já me disse! Mas uma sensação ainda não experimentou, Mr. Collins: a de matar. Nunca sentiu, numa noite de lua, essa ânsia sádica de matar alguém? — e a sua voz era estranhamente clara. — Nunca? Hein!... Nunca teve êsse desejo — e ringia os dentes — de ter, dominadoramente, nas mãos, um ser humano, para estraçalhá-lo, para torturá-lo?

Virei para êle os olhos, sem virar a cabeça. Êle parara de respirar. E respondi-lhe com um bocejo e um leve franzir de lábios.

Sua face se transformou. Parecia que o homem ia explodir em mil e uma exclamações. Vi as mãos crisparem-se. Senti crisparem-se, pois meus olhos estavam voltados sòmente para os seus. Êle bufava. Mas começou a serenar, a pouco e pouco.

Desenhou-se no rosto um sorriso. Um sorriso estranho. Êle volvia, agora, os olhos para a janela. Êle os tinha para a lua cheia, branca, prateada, cuja luz o atraia e o alucinava, penetrava pelo quarto, e ia amortecer-se no choque com a luz da lâmpada.

— Posso apagá-la? — pediu-me numa voz serena. Com os olhos concedi.

E êle apagou a lâmpada. E foi sentar-se defronte à janela. A luz da lua brilhava intensa dentro da sala. Dava formas misteriosas às coisas. E êle tinha os olhos voltados para ela. Balbuciava algumas palavras. Nem parecia mais o mesmo homem que antes eu ouvira. Estava calmo. Eu observava-o... e estremeci. A luz brilhava bem de cheio sôbre o seu rosto. Eu respirava resfolegadamente...

— Já teve a exaltação de ver es-

vair-se aos poucos a vida de um outro ser? Já teve a sensação estranha de saber que pode arrancar de um ser que se move, que fala, o movimento, a palavra, a vida? Ainda não, não é, mr. Collins? Pois experimente que terá as mais fortes emoções. Sentirá um prazer estranho. Uma sensação esquisita. — E com os olhos cravados em mim, convidou-me: — Quer, mr. Collins, matar alguém? — Não me lembro qual foi a minha resposta, mas creio que positiva, pois êle respondeu-me logo, arrancando-me num safanão da cadeira: — Pois, então, venha comigo!...

E fui. Eu seguia lento ao lado de Craig. Ia como um indiferente, acompanhando-o como um cão. Estávamos sós no mundo, dentro da noite.

Vi-o quando parou junto a um "cab". Convidou-me para entrar.

Entrei. Lá dentro disse-me baixo ao ouvido: "Mataremos o cocheiro".

Apesar de estar escuro dentro do carro, tenho certeza que o vi sorrir. E que estranho e sinistro sorriso! Senti, depois, na mão um objeto frio. A luz de um lampeão, que entrou enevoada dentro do carro num relâmpago, deixou-me ver o que era. Era um punhal. Tu terias estremecido ao vê-lo. Pois a mim, fêz-me bocejar mais demoradamente. Julguei que fôsse de pavor. E não era.

E mandei que o cocheiro seguisse para minha casa. Craig perguntou-me se estava com mêdo. Respondi-lhe, baixo ao ouvido:

— Lá na minha casa poderemos matá-lo melhor.

Tenho certeza que Craig sorriu sinistramente. Eu não vi o seu sorriso, mas ouvi-o.

Ao chegar à porta de casa, convidei o cocheiro a entrar. Propus que

fôsse beber comigo. Êle mostrou-se efusivamente grato. E entrou. Já dentro de casa pude observá-lo bem. Era um homem de meia idade. Usava bigode e uma grande capa. Tinha os cabelos pretos. Era um tipo vulgar. Convidei-o a tomar uísque. Aceitou. À volta da mesa, os três, bebíamos. Craig sorria sempre. Sinistramente. Eu bocejava. Por uma razão que não sei bem explicar, perguntei ao cocheiro:

— É solteiro?

— Não; sou casado. Tenho dois filhos...

— Já crescidos?

— Um de dez, e outro de doze anos.

Não perguntei mais nada. Disse-lhe que esperasse um pouco, pois desejava sair para falar com mr. Craig. Aquêle infernal encantamento já passara. Voltava outra vez a

mim mesmo. E dirigindo-me a Craig, disse-lhe apenas:

— Estou satisfeito... Vamos deixar o homem. Tome cem libras, e vá embora.

— Não vai experimentar a minha proposta?

— Não! — respondi-lhe secamente. Como Craig não se mexesse e ficasse olhando-me, recuei um pouco e disse-lhe:

— Craig... vá embora, já lhe disse. Fica para outra ocasião.

— Engana-se, mr. Collins. Hoje é lua cheia. E eu gosto de matar na lua cheia. Alguém há de morrer nas minhas mãos, hoje. E dizendo isso aproximou-se de mim, com o punhal.

Dei um salto para trás, gritei. Ia desferir-me um golpe, quando, ao pisar no tapête, escorregou e caiu. Levantei uma cadeira para atirá-la à cabeça, mas Craig, ágil, já se punha de pé, e avançava para mim.

Neste momento, abriu-se a porta. Era o cocheiro. Atirou-se a êle, e segurou-o pelas costas. Craig virou-se. Aproveitei-me da situação e atirei-lhe com a cadeira na cabeça. Craig tonteou e caiu, mas ao cair cravou em si mesmo o punhal, não sei como, pois o vi manchado de sangue e morto, quando procuramos levantá-lo.

Compreendi o que dali resultaria. E disse ao cocheiro:

— Não podemos chamar a polícia. Ninguém acreditará que êsse homem quis matar-me, e que morreu ao apunhalar-se a si mesmo, ao cair? Proponho-lhe uma coisa: levemos o corpo, e o atiremos ao Tamisa. Ninguém desconfiará de nós. Dou mil libras para me auxiliar nisso.

O cocheiro concordou. Enrolamos o corpo de Craig em cobertores e levamo-lo para o "cab". Daí fomos

até as margens do Tamisa, e aproveitando um instante de escuridão, quando algumas nuvens cobriam a lua, atiramos o corpo nágua. Voltamos depois, e dei ainda ao cocheiro mais cem libras para que nada dissesse. Jurou-me que o faria.

Voltei abatido. Aquela aventura deveria ser a última. Gastara-se em mim a capacidade de suportar a vida. Não queria mais viver. Não tinha mais o direito de viver.

Esperei uns dias pelos acontecimentos e pelas notícias dos jornais. Vim a saber que encontraram o corpo de Craig. Era êle acusado de muitos crimes, e estava sendo procurado pela polícia. Atribuíam o assassínio a algum inimigo.

Mas isso tudo não me apaziguou o espírito. Na realidade fôra em parte culpado do que se passara. Fui um dia visitar o cocheiro, pois me havia dado o enderêço. Recebeu-me

assustado. Procurei tranqüilizá-lo. Aquêle homem estivera às portas da morte, em minha casa, e viera ajudar a salvar-me quando me vi em perigo ante o punhal de Craig.

Devia-lhe um favor, não a vida. Ao despedir-me dêle, disse-lhe que em breve iria receber uma grande surprêsa.

Fêz-me um gesto de espanto, de quem não me entendia.

Quando fiz o meu testamento, contemplei o pobre homem com uma pequena fortuna. Essa será a surprêsa que lhe darei depois de morto.

*

Quero contar-te agora o que se passou quando vi Marjorie pela última vez. Foi numa festa que me foi oferecida em casa de Lord Hountbatten. Mantive com ela êste diálogo, que em parte te reproduzo:

— Tens sido feliz, Marjorie?

Ela respondeu-me que sim, mas de cabeça baixa, sem fitar-me.

— Diga-me uma coisa: alguma vez você gostou realmente de mim?

— Bob... por que faz essa pergunta?

Por que você partiu aquêle dia? Por quê?

— Eu era um entrave à sua felicidade, Marjorie, e não me cabia o direito de impedir que fôsse feliz.

Compreendi tudo. Segurei a mão de Marjorie. Estava fria. E com arroubo, perguntei-lhe:

— Realmente, você me amava então?

Ela abaixou a cabeça confirmando. Não me contive, e foi rindo que lhe disse:

— Que estúpido... que estúpido tenho sido. Não importa! Agora é tarde...

— A culpa não é de você...

— A bondade de você, Marjorie,

é grande. Mas há homens que são uma fatalidade. Eu sou um dêles. Não quis declarar-me, porque temia fazê-la infeliz... e agora é tarde. Não é possível evitar o inevitável?

E estirei-lhe a mão.

— Para quê? — perguntou-me ela.

— Um adeus para sempre, Marjorie.

Ela tinha os olhos cheios de lágrimas!

Essa mentira precisa ser desfeita. E eu acuso aquêles que pregam a felicidade!

Eu não me destrui porque não conheci a felicidade. Eu não me destrui porque não conheci o sofrimento. Eu me destrui sem porquê...

Em nome de mim mesmo prossigo a minha confissão:

Os que agradecem a vida: julgam.

Os que a acusam: julgam.

E nenhum julgador é mais corrupto que o homem que louva ou o homem que acusa.

Não sou responsável de que haja homens. Nem sou responsável de

que êles se julguem mais felizes ou menos felizes. Não sou responsável de mim próprio, nem acuso ninguém dessa responsabilidade.

Reconheço, assim, a minha fatalidade!

E reconheço e confesso que não acredito nas promessas humanas.

Julgo o homem incapaz de obter o que lhe pregaram.

Creio que o homem é um ensaio.

Por isso creio que desviar-me para um fim, seria violentar-me e trair-me, porque não creio no fim!

Necessàriamente sou o meu destino. Não quis ninguém como meu destino, por isso a minha solidão foi um martírio, e o foi porque não soube compreender a minha solidão. Hoje, porque a compreendo, sorrio para mim, e justifico-me.

Essa a minha fraqueza. A minha confissão, é já uma fraqueza.

Em nome de mim mesmo prossigo na minha confissão:

Não me vingo da vida reconhecendo-a. Meu último gesto é o meu último argumento.

Não desprezei as coisas do mundo. Não foi o pouco amor a elas que me envenenou a existência. Já tive julgadores de mim mesmo. Todos os que me cercaram, me julgaram. Todos se acharam no direito de, baseados em seus preconceitos, classificar-me. Êsse é um dos direitos que os homens se arrogam: o de julgarem uns aos outros.

Aquêle que arrisca a vida nos campos de batalha merece o elogio dos que admiram o heroísmo dos que não temeram a morte. Uma causa justifica o sacrifício de uma vida. Chamam-lhe um mártir. Chamam herói ao que tombou, ao que buscou a morte, porque o fêz em benefício de uma causa que é dos

outros. Os homens sempre elogiam e engrandecem aquêle que morre por um ideal... dos outros homens.

O que morre por que não tem um ideal, o que é?

Mas por que me hão de culpar de não ter encontrado nos homens um ideal que me animasse a morrer por êle?

Há também mártires: os que morrem pela falta de um ideal.

Digo mais: se me compreendessem me aviltariam. Poupem-me dessa afronta e dessa ignomínia.

E por isso, em nome de mim mesmo, prossigo na minha confissão:

Hosana aos que sacrificam a vida por uma causa.

Hosana, também, aos que a sacrificam por uma paixão.

Hosana, também, aos que a sacrificam por um desejo.

Aquêle poeta funerário, Elliot, foi um suicida pela dúvida.

Não suportara a tortura de não crer. Êle não nascera para crer?

Simas Laramie tinha razão quando afirmava que êsse fim de século era dos suicidas, porque nesse fim de século há um grande suicídio.

Há muita coisa morta que se veste de vida para viver entre os homens. Simas tinha razão porque sentia como eu.

Partimos para o século das nivelações. Foi Simas quem me fêz observar isso. Não patuarei nessa traição.

Só há valor nos gestos que tendem para um fim útil, benéfico, proclamam. Pois eu proclamo que só têm valor os gestos que não têm tais *fins*...

Eis a minha maneira de discordar."

•

George, estou agora a um passo da morte. À minha frente tenho o

vidro com o veneno sutil. Basta-me levá-lo aos lábios, e dentro de poucos minutos meu corpo não viverá mais. O copo da morte verde me espera silencioso, paciente.

Sei que nunca compreenderás o meu gesto, pois êle é um dêsses gestos difíceis de compreender.

Não deveria explicá-lo, porque as explicações ofendem, caluniam, mancham.

Não há no meu gesto nenhum desespêro. Tudo quanto me disseram ser suficiente para justificar uma vida, não encheu o vazio de minha alma. Eu sou o tédio, sou todo tédio, tédio vivo, estuante. Sei de muitos que um dia fizeram a grande renúncia de todos os seus ideais por não encontrar entre os homens e na vida a satisfação que lhes prometeram.

Após tomar o veneno terei apenas alguns minutos de vida. Serão

êsses minutos os momentos supremos de tôda a minha existência.

Tentarei descrevê-los enquanto tiver fôrças.

Vou levar aos lábios o copo de veneno. Sinto nos dedos já o frio do cristal.

Não sinto nenhum gôsto desagradável... Já o bebi. Resta agora pouco.

George, muitos encontram na vida tôda a beleza, tôda a alegria e querem viver intensamente cada momento. Tenho culpa acaso de ser diferente, de me ter dado a natureza uma frieza e uma tranqüilidade mental que não me permitem gozar dos extremos?

Fui o homem mais normal que existiu, e permaneci sempre no meio têrmo, sem encontrar nas coisas nenhum sabor.

George, sinto neste momento algo de excepcional, não sei. Não há mais

solução, o veneno não perdoa, e tudo está consumado.

Que fiz eu? Que loucura!

A vida não é um argumento para ser vivida, sei. Mas, George, que fiz eu? Não tenho direito de destrui-la. Que fiz eu? Agora compreendo. Marjorie foi o por que do meu tédio. Compreendo agora. Com ela teria encontrado tudo o que me faltou.

Meu grande malôgro emocional...

Marjorie me teria dado a razão que me faltava. Não somos nada, nada, sem uma companheira. Ah! como compreendo tudo tarde. Há verdades que ultrapassam a mesquinhez e a miséria de nossa vida. Sim, George, eu agora antevejo alguma coisa, alguma coisa que não sei explicar, alguma coisa para a qual as palavras morrem...

Perdoai-me...perdoai-me...Agora compreendo como estava cego... êle, êle me perdoará, me perdoará.

Geor...

As últimas letras não estavam escirtas. Apenas um borrão de tinta pontuava o fêcho daquela carta.

O suicídio de Mr. Robert Collins foi muito comentado na Inglaterra. Vários motivos lhe foram atribuídos. Mas a leitura desta carta pode esclarecer muita coisa. Estranha-me muito que a encontrasse nas mãos daquele marinheiro, e que êle a guardasse sempre consigo. É um mistério que não pude desvendar ainda. Quem sabe, talvez um dia, possa compreender tudo quanto se passou e também compreender a tragédia de Jones, com quem o destino, num dia estranho, colocou-me frente à frente.

*

Composto e impresso
na
EMPRÊSA GRÁFICA CARIOCA S. A.
à
Rua Brigadeiro Galvão, 225 - 235
em outubro de 1958
São Paulo

*